

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

ANU V novembro/dezembro/2025

#37

AVALIE
NOSSO
PROJETO



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



"PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL"



Pensamento Livre



Lei **Paulo Gustavo**

Juntos para a cultura resistir

A **Revista D-ARTE**, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista, que apenas cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:

<https://revistadarte.com/>

Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio

Jornalista responsável: Aldo Moraes

Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony

Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

ISBN - 978-65-999129-0-0

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>

<https://www.facebook.com/>



APOIO:



Feminicídios: o desamor que virou arma



<https://outraspalavras.net/feminismos/feminicidios-o-desamor-que-virou-arma/>

Em meio às ruínas do modelo de homem-provedor, jovens ressentidos apostam na disputa sexual. Nas frustrações afetivas e precariedade dos vínculos, ultradireita encontra combustível político. E a violência vira modo de afirmação subjetiva do masculino.

A cada nova notícia de misoginia destas semanas, a brutalidade se torna mais explícita e o espanto, mais silencioso. É nesse cenário que se impõe a necessidade de enfrentar a fragmentação dos afetos e compreender o lugar que o ressentimento masculino ocupa hoje nas formas de envolvimento emocional e sexual com mulheres. A precarização dos vínculos, somada à politização da feminilidade, intensifica a corrosão entre subculturas violentas de masculinidade, nas quais gênero, desejo e status de poder se convertem em arenas de tensão permanente.

Antes de tudo, convém registrar que não se trata de enxergar esse tema com falsos moralismos. Ao contrário: o culto aos moralismos e, sobretudo, a exploração política da masculinidade, engessa o debate justamente por estar no cerne de um problema mal discutido. Não é possível compreender a escalada da violência contra as mulheres sem observar o ambiente ideológico e os fundamentos que sustentam a órbita dessa dominância masculina, frequentemente reforçados por discursos identitários de ódio às minorias e alimentados pelo neoliberalismo. Nesse sentido, é urgente pensar como o campo afetivo e relacional vai sendo esvaziado à medida que conquistas sociais importantes retrocedem.

Se, por um lado, mulheres da geração Z são menos conservadoras e mais conscientes de políticas feministas, homens da mesma faixa — entre 18 e 30 anos — se mostram expressivamente mais conservadores. E essa dicotomia não se restringe ao Brasil. A trend no TikTok das “esposas-troféu” e a celebração da “energia feminina” por certos influenciadores são indícios de uma tentativa discursiva de docilizar a autenticidade das mulheres para que cedam a um modelo patriarcal mais palatável.

A cada nova notícia de misoginia destas semanas, a brutalidade se torna mais explícita e o espanto, mais silencioso. É nesse cenário que se impõe a necessidade de enfrentar a fragmentação dos afetos e compreender o lugar que o ressentimento masculino ocupa hoje nas formas de envolvimento emocional e sexual com mulheres. A precarização dos vínculos, somada à politização da feminilidade, intensifica a corrosão entre subculturas violentas de masculinidade, nas quais gênero, desejo e status de poder se convertem em arenas de tensão permanente.

Antes de tudo, convém registrar que não se trata de enxergar esse tema com falsos moralismos. Ao contrário: o culto aos moralismos e, sobretudo, a exploração política da masculinidade, engessa o debate justamente por estar no cerne de um problema mal discutido. Não é possível compreender a escalada da violência contra as mulheres sem observar o ambiente ideológico e os fundamentos que sustentam a órbita dessa dominância masculina, frequentemente reforçados por discursos identitários de ódio às minorias e alimentados pelo neoliberalismo. Nesse sentido, é urgente pensar como o campo afetivo e relacional vai sendo esvaziado à medida que conquistas sociais importantes retrocedem.

Se, por um lado, mulheres da geração Z são menos

conservadoras e mais conscientes de políticas feministas, homens da mesma faixa — entre 18 e 30 anos — se mostram expressivamente mais conservadores. E essa dicotomia não se restringe ao Brasil. A trend no TikTok das “esposas-troféu” e a celebração da “energia feminina” por certos influenciadores são indícios de uma tentativa discursiva de docilizar a autenticidade das mulheres para que cedam a um modelo patriarcal mais palatável.

Essa conjuntura retoma a questão central: o que alimenta a exasperação do ódio e a violação do consentimento como parte da propaganda política da extrema direita? Em muitos dos casos noticiados nas últimas semanas, chama atenção que o perfil dos agressores seja cada vez mais composto por homens jovens — e isso não é coincidência.

A violência, portanto, não é apenas cultural ou simbólica: é econômica e estrutural. Produzir desigualdade de gênero é assegurar o próprio funcionamento interno do capitalismo. É impedir que conquistas sociais importantes se convertam em novas possibilidades de desejo, de vida e de liberdade — e na imposição de limites à exploração sobre corpos de mulheres agredidos, violentados e mutilados.

A extrema direita sabe disso e aposta na sustentação de crises, produzindo refluxos antidemocráticos e modelos contraditórios de representatividade feminina, como se evidencia na candidatura de Michele Bolsonaro. Apesar das exceções, a disposição crítica das mulheres à democracia é uma aliança poderosa — e ameaça o domínio conservador daqueles que historicamente administram contradições à custa delas.

O conservadorismo, por sua vez, oferece não apenas a promessa da lei, mas da restauração de valores: busca reconciliar o âmbito doméstico com papéis tradicionais de gênero e raça, sob a lógica da desigualdade. Nesse cenário, a violência simbólica e relacional deixa de ser apenas sintoma: torna-se ferramenta política autogerida. Seus efeitos se infiltram também na intimidade, onde o distanciamento afetivo reaparece como mecanismo de autoproteção diante de vínculos esvaziados. É o hiper individualismo neoliberal que apodrece fronteiras entre os gêneros, reativa papéis opostos e fragiliza conquistas históricas em direção à igualdade de gênero.

O desafio, portanto, é reconhecer que a disputa pelo desejo, pelo corpo e pela afetividade não está separada da disputa pelo poder. Resistir a esse ciclo de regressão exige reconstituir-se dos traumas e dos valores tradicionais — “Deus, Pátria e Família” — bem como dos privilégios que limitam mulheres; não como exceção estética ou moral, mas como horizonte político coletivo de dignidade real, onde não nos matem.

Tainá Machado Vargas é mestre em Direito, advogada, colunista independente e escritora.

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, contribua com um PIX para outrosquinhentos@outraspalavras.net e fortaleça o jornalismo crítico.

De forma inédita, Patrimônio Cultural entra na agenda de ação

COP30 BRASIL



Foto: Aline Massuca/COP30

<https://www.nonada.com.br/2025/11/de-forma-inedita-patrimonio-cultural-entra-na-agenda-de-acao-da-cop30/>

Pela primeira vez, a cultura foi incluída na Agenda de Ação , estrutura de negociação climática da COP

**Por
Alicia Lobato**

Belém (PA) – A presença da cultura na COP30, em Belém, foi um destaque do maior evento de discussão sobre mudanças climáticas no mundo. O evento no Brasil inaugurou o papel da cultura dentro da Agenda de Ação, ou seja, a partir de agora as expressões culturais e artísticas também serão usadas como parte da mobilização de ações climáticas voluntárias da sociedade civil, empresas, investidores, cidades, estados e países.

Na sexta-feira (19), a presidência da COP30 apresentou um conjunto de 117 soluções construídas pela sociedade civil organizada

como um esforço para consolidar o que já foi realizado até o momento na ação climática. A cultura aparece em 5 dessas soluções: Acelerar a integração das considerações sobre o Patrimônio Cultural nos Planos Nacionais de Adaptação (PNAs), capacitação para a adaptação de práticas culturais e sítios patrimoniais, descarbonização da economia da influência criativa, descarbonização de edifícios com base no patrimônio e narrativas e contação de histórias como catalisadores para a ação climática.

“Diversos exercícios de mapeamento e avaliação realizados pela UNFCCC em conexão com o programa de trabalho de Belém, nos Emirados Árabes Unidos, no contexto da adaptação, constataram que o patrimônio cultural é o beneficiário

de menos indicadores existentes, menos esforços de treinamento e capacitação e menos apoio do que qualquer outra área temática pesquisada”, aponta uma das ações relacionadas à cultura. O plano propõe que milhares de sítios patrimoniais e práticas culturais estejam adaptados aos riscos climáticos até 2030, além de capacitar defensores e guardiões de pelo menos 3.000 sítios patrimoniais pelo mundo até 2030.

Outro plano, também relacionado ao patrimônio, propõe acelerar a Integração do Patrimônio Cultural no Balanço Ético Global e possibilitará, até 2028, uma mudança mensurável no planejamento nacional de adaptação. Entre os objetivos, estão “aumentar o número de países que incluem explicitamente o patrimônio cultural em seus planos nacionais de adaptação, estabelecer orientações e ferramentas operacionais para o planejamento de adaptação que inclua o patrimônio e implementar processos-piloto em países que apliquem as orientações”.

“Muito importante, porque é a segunda COP que estamos abrangendo a cultura como um ponto importante também nessa discussão”, diz Margareth Menezes, Ministra da Cultura, para o Nonada Jornalismo. A primeira foi dois anos atrás, na COP28, na qual foi lançado o Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultural, em que o Brasil é co-presidente.

A fala de Margareth surge após o painel “Cultura, governo e clima: como dialogar”, durante a primeira semana da COP30, no Pavilhão Climate Live Entertainment + Culture, localizado na zona azul (blue zone), espaço com acesso restrito apenas para pessoas com credenciais. Durante o debate, a Ministra destacou como as expressões culturais podem fortalecer o diálogo entre sociedade e governo na construção de um futuro ambientalmente responsável e socialmente diverso.

A 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30) encerrou no dia 21, após semanas de expectativas e tensões acerca do desfecho das negociações entre os países membros. O documento final frustrou expectativas da sociedade civil e não abordou pontos ditos fundamentais para o combate à crise climática, como o fim dos combustíveis fósseis. A conferência reuniu

chefes de estado, ministros, diplomatas, artistas, ativistas e outros membros da sociedade civil de mais de 190 países.

A COP é o principal espaço de discussão sobre a crise climática e tem trazido debates sobre temas como: Redução de emissões de gases de efeito estufa; Adaptação às mudanças climáticas; Financiamento climático para países em desenvolvimento; Justiça climática e Racismo Ambiental. E para discutir esses últimos a cultura tem sido uma importante ferramenta na busca por acessibilizar o tema e introduzir a pauta para o público geral.

Nos últimos anos, a cultura tem sido entendida como campo de possível discussão para além de um entretenimento. Para especialistas e agentes do setor, o papel da cultura no combate à crise climática é fundamental na busca por soluções voltadas à participação popular e à acessibilização do tema.

De acordo com a divulgação da agenda do Ministério da Cultura para a COP30, a participação do Ministério e a criação de uma agenda cultural no evento fez com que a cultura fosse posta no centro da agenda climática global, “reconhecendo que não existe futuro sustentável sem a proteção dos territórios, do patrimônio cultural, das memórias e dos modos de vida”.

Em entrevista exclusiva ao Nonada, a Ministra aponta que a relação entre cultura e clima é urgente, já que os eventos climáticos têm incidido, cada vez mais, em relação ao patrimônio material e imaterial: “o que esses eventos climáticos incidem sobre patrimônio, sobre pessoas, já é constatado como um prejuízo”, aponta a Ministra da Cultura.

Em meio aos corredores, o pavilhão da cultura se destaca

Como mostrado pelo Nonada, a intersecção entre cultura e clima é uma pauta de crescente interesse em diversas edições das conferências, principalmente, por meio do Pavilhão de Entretenimento + Cultura (Entertainment + Culture Pavilion). Neste ano, o espaço acontece em colaboração com o Climate Live, organização que engaja e conscientiza a sociedade por meio da música, tematizando as mudanças climáticas como debate. Além de artistas e profissionais da

área de cultura, o painel tem se proposto a dar outro panorama para as discussões relacionadas à agenda climática.

Alguns dos temas discutidos trouxeram, por exemplo, como os filmes podem abordar a crise climática, utilizando a ferramenta Climate Reality Check da Good Energy, que foi aplicada no Brasil pela primeira vez.

A pesquisa revelou onde a narrativa climática está presente, onde está ausente e quais oportunidades se apresentam para o setor criativo. Um segundo painel trouxe as perspectivas dos fãs de K-pop, discutindo como eles surgem como uma das comunidades culturais mais criativas e organizadas que já existiu e como eles tem usado sua influência nas plataformas digitais em busca do bem comum, debatendo temas como crise climática e política.

Thalia Silva, ativista Climática e parte da equipe da Presidência Jovem da COP30, palestrante painel, discutiu como o K-pop é muito importante quando se pensa a mobilização a partir, principalmente, das juventudes. Para ela, existe um grande processo de construção de trabalho coletivo dentro desses fandoms e quando isso chega no clima, é essencial interligar o tema em diversas frentes.

“Quando falamos de pop, K-pop e cultura no geral, [o debate] chega muito mais nas pessoas. As vezes eu sinto que estamos muito presos na burocracia dos passos de decisão, nas falas técnicas, e esquecemos que a cultura também é um meio de alcançar as pessoas e falar sobre mudança do clima”, defende a ativista. “A luta por justiça climática não deve vir só dos fandoms também, mas deve vir dos artistas. Temos que ter esse senso de comunidade que ele é essencial”, acrescenta Thalia.

Segundo Samuel Rubin Vicens, cofundador do pavilhão, a presença da cultura na COP30 é inegável e acompanha a mobilização da sociedade civil por justiça climática e resultados urgentes. “O Pavilhão de Entretenimento e Cultura, juntamente com o Climate Live, tornou-se um ponto de encontro vibrante, repleto de música, alegria radical, arte, sabedoria ancestral e ação direta de pessoas de todo o mundo”, explica.

Para ele, as decisões da COP precisam se refletir em “resultados políticos tangíveis”, como pontua: “Precisamos fortalecer a credibilidade e a integridade do processo da COP e garantir que líderes e governos façam tudo ao seu alcance para enfrentar a crise climática.”

O exemplo de eventos extremos De acordo com a Ministra Margareth Menezes, o que o Ministério da Cultura está fazendo é priorizar o fortalecimento dessa intersecção dentro do sistema MIC e levar dentro das pautas o clima como uma temática transversal.

“Uma pauta importante, uma pauta que agora será constante. Porque os eventos climáticos já estão aí e nós precisamos ver o que podemos fazer tanto como prevenção, como também com acontecimentos de eventos climáticos. Quais são as ações imediatas que podemos fazer, como fizemos no Rio Grande do Sul, com a experiência que tivemos”.

Com o encerramento da COP30, a Ministra reforça que será ainda importante continuar com os debates para além desse espaço. “Nós queremos também começar a trazer isso como uma ferramenta já ativada para nesses momentos de catástrofes que podem ainda acontecer no Brasil e servir de exemplo também para outros países”, enfatiza a artista e Ministra da Cultura, Margareth Menezes.



Alicia Lobato

Graduada em jornalismo, natural de Belém - Pará, vivendo em Manaus - Amazonas. Tem interesse em pautas socioambientais, de gênero e culturais.

Dona Onete na COP 30:

**a voz ancestral da
música e da Amazônia
que ecoa para o mundo**



“No tambor do índio o negro tocou”, relata Dona Onete sobre origem do Carimbó – Divulgação

Quando a 30ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas (COP 30) chegou a Belém do Pará, em novembro de 2025, não foram apenas diplomatas, cientistas e chefes de Estado que produziram impacto: a cultura paraense, representada por suas vozes mais autênticas, tomou lugar de destaque. Entre elas, Dona Onete, conhecida internacionalmente como a Rainha do Carimbó Chamegado, se tornou uma presença simbólica e potente — não só como artista, mas como guardiã da memória, da ancestralidade e do território da Amazônia.

Uma vida entre ritmos, saberes e ancestralidade

Nascida Ionete da Silveira Gama, em Cachoeira do Arari, no arquipélago do Marajó (PA), e criada em Igarapé-Miri, Dona Onete construiu uma trajetória marcada pela mistura de musicalidade, educação e resistência cultural. Antes de tornar-se mundialmente conhecida como cantora, ela foi professora e pesquisadora dos ritmos e tradições amazônicas, um trabalho que mais tarde formaria a base de sua música.

Com mais de 70 anos de vida quando gravou seu

primeiro disco Feitiço Caboclo (2013), Dona Onete é uma artista tardia — mas de impacto profundo. Sua obra construiu um gênero híbrido, o carimbó chamegado, que reúne os ritmos indígenas, afro-brasileiros e populares da Amazônia, transformando-os em expressão contemporânea e crescente reconhecimento nacional e internacional.

Obra e legado: o carimbó como patrimônio cultural

O carimbó, ritmo central da obra de Dona Onete, é mais do que música: é linguagem, memória e identidade coletiva. Ele nasce das tradições ribeirinhas e afro-indígenas da região Amazônica, carregando narrativas do cotidiano, da natureza, do amor e do encontro entre povos e saberes. Essa tradição, que Dona Onete ajudou a difundir e renovar, foi reconhecida como patrimônio cultural e imaterial do Pará, consolidando seu papel como difusora de uma cultura viva.

Recentemente, sua trajetória foi também celebrada em cinema: o documentário “Dona Onete – Meu Coração Neste Pedacinho Aqui”, dirigido por Mini Kerti, revisita sua vida, memórias e raízes amazônicas, fortalecendo sua imagem como ícone cultural.

Na COP 30: presença além do palco



DIVULGAÇÃO

Embora a COP 30 — sediada em Belém entre 10 e 21 de novembro de 2025 — seja um evento global de políticas climáticas, a presença de artistas como Dona Onete mostrou que a Amazônia não é apenas um objeto de discussão ambiente, mas um sujeito vivo de cultura, saberes e práticas sustentáveis.

Antes do início oficial da conferência, Dona Onete participou do festival Amazônia Live – Hoje e Sempre, um espetáculo pré-COP que reuniu vozes como as de Mariah Carey, Joelma, Gaby Amarantos e Zaynara em um palco flutuante no Rio Guamá. Foi um momento de celebração da música paraense e um sinal claro de que os ritmos e identidades culturais da região deveriam ocupar também o centro das discussões sobre futuro, clima e sustentabilidade.

Na cobertura da COP 30, sua presença foi descrita como um contraponto essencial às negociações técnicas, devolvendo humanidade ao debate climático ao lembrar o mundo de que a floresta é “feita de gente”. Ela destacou

o papel da educação, da juventude e das mulheres no cuidado com o território, enfatizando que qualquer solução ambiental real precisa emergir da valorização das culturas e saberes locais.

Dona Onete como síntese cultural da Amazônia

A participação de Dona Onete na COP 30 não foi apenas artística ou simbólica: foi política, no sentido mais amplo, ao afirmar que a Amazônia é uma cultura e um povo — com ritmos, histórias e saberes que não podem ser separados das conversas sobre futuro global.

Ela representa, antes de tudo, uma ponte entre o ancestral e o contemporâneo, entre as tradições ribeirinhas e os palcos nacionais e internacionais, e entre os debates globais e a vida cotidiana da Amazônia. Sua voz, carregada de história, diz ao mundo que preservar a floresta é também preservar culturas que a habitam e a celebram há séculos.

Exposição mostra achados arqueológicos sobre origens da cidade de SP



**Peças podem
ser vistas na
Casa Museu Ema
Klabin**

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2025-12/exposicao-destaca-achados-arqueologicos-em-sitios-na-capital-paulista>

**Guilherme Jeronimo - Repórter da Agência Brasil -
Publicado em 14/12/2025 - 11:25
São Paulo**

O passado de entreposto, muito distante da metrópole pujante e urbana dos últimos 100 anos, é retomado na exposição Quando São Paulo era Piratininga: arqueologia paulistana, em cartaz até 29 de março de 2026 na Casa Museu Ema Klabin.

Integrada ao acervo da casa, a exposição propõe uma reflexão sobre origens e cotidiano, mostrando os resultados de pesquisas arqueológicas realizadas na capital paulista durante as duas últimas décadas.

De ferramentas e pontas de flechas talhadas em pedras a fragmentos de cerâmica, é possível acompanhar um passado de uma região que era importante para diversas aldeias, além de

marcada por cheias constantes.

A proposta, da curadoria do arquiteto Paulo de Freitas Costa e da doutora em arqueologia Paula Nishida, é revelar aspectos da investigação sobre esse território, em suas dinâmicas anteriores à vila e cidade, como as conhecemos.

Ao apresentar sítios arqueológicos paulistanos, percebe-se que onde há hoje prédios, viadutos, praças, ruas e avenidas, havia estruturas naturais de quartzo e depósitos de argila, materiais usados por diferentes povos – indígenas, europeus e africanos -, na fabricação de pontas de lanças, flechas e cerâmicas.

Esses sítios estão distribuídos pelas várzeas do Tietê, Pinheiros e Tamanduateí, deram origem ao povoado Piratininga ou peixe seco, por conta dos peixes que ficavam espalhados pelas planícies após o recuo das águas dos rios. Mais tarde, o povoado se transformaria na cidade de São Paulo.

Para a exposição, foram selecionados materiais e mapas de oito dos cerca de 90 sítios arqueológicos já identificados na cidade, representando períodos distintos e importantes para a formação do território paulistano.

O passado de entreposto, muito distante da metrópole pujante e urbana dos últimos 100 anos, é retomado na exposição Quando São Paulo era Piratininga: arqueologia paulistana, em cartaz até 29 de março de 2026 na Casa Museu Ema Klabin.

Integrada ao acervo da casa, a exposição propõe uma reflexão sobre origens e cotidiano, mostrando os resultados de pesquisas arqueológicas realizadas na capital paulista durante as duas últimas décadas.

De ferramentas e pontas de flechas talhadas em pedras a fragmentos de cerâmica, é possível acompanhar um passado de uma região que era importante para diversas aldeias, além de marcada por cheias constantes.

A proposta, da curadoria do arquiteto Paulo de Freitas Costa e da doutora em arqueologia Paula Nishida, é revelar aspectos da investigação sobre esse território, em suas dinâmicas anteriores à vila e cidade, como as conhecemos.

Ao apresentar sítios arqueológicos paulistanos, percebe-se que onde há hoje prédios, viadutos, praças, ruas e avenidas, havia estruturas naturais de quartzo e depósitos de argila, materiais usados por diferentes povos – indígenas, europeus e africanos -, na fabricação de pontas de lanças, flechas e cerâmicas.

Esses sítios estão distribuídos pelas várzeas do Tietê, Pinheiros e Tamanduateí, deram origem ao povoado Piratininga ou peixe seco, por conta dos peixes que ficavam espalhados pelas planícies após o recuo das águas dos rios. Mais tarde, o povoado se transformaria na cidade de São Paulo.

Para a exposição, foram selecionados materiais e mapas de oito dos cerca de 90 sítios arqueológicos já identificados na cidade, representando períodos distintos e importantes para a formação do território paulistano.



São Paulo (SP), 05/11/2025 - Exposição "Quando São Paulo era Piratininga: arqueologia paulistana. Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil - Paulo Pinto/Agência Brasil

Parceria com escolas

A Casa Museu desenvolve processos de formação continuada de professores e parceria com escolas, promovidas pelo seu educativo, além de receber escolas para visitas guiadas ao acervo e às exposições temporárias, como essa dedicada à arqueologia paulistana.

“A gente traz todo o nosso métier de ações que o educativo faz, desde caminhada no bairro a ações que falam sobre a coleção de outros pontos de perspectiva. Eles [os professores] trazem então as turmas, complementando as discussões que a gente teve ao longo da residência”, explica Felipe Azevêdo, educador da instituição.

Dessa forma, a Casa atende os estudantes com mais qualidade, pois o trabalho prévio, com os professores, permite uma abordagem integrada ao currículo das turmas.

Essa estratégia tem suprido a principal dificuldade da Casa Museu, que é a de atrair grupos de visitantes sem dispor de recursos para custear transporte, já que a região tem poucas escolas públicas, quase nenhuma próxima.

Mesmo com essa limitação - a Casa está no Jardim Europa, uma das regiões mais caras da cidade - o número de visitantes tem crescido, com vinda de escolas de regiões localizadas há mais de 10 quilômetros.

“A ideia é fazer parcerias. Nós vamos nas escolas também, conhecemos as crianças, conversamos com elas, entendemos o projeto pedagógico da escola e propomos uma visita de acordo com o projeto da escola. Acho que é uma via de mão dupla também”, completa Azevêdo.

Ema Klabin

A residência onde viveu a empresária Ema Klabin, de 1961 a 1994, abriga a Coleção Ema Klabin, com pinturas do russo Marc Chagall e do holandês Frans Post, obras do modernismo brasileiro, com autores como Tarsila do Amaral e Candido Portinari, além de artes decorativas, peças arqueológicas e livros raros, reunindo variadas culturas em um arco temporal de 35 séculos, distribuídos em um jardim projetado por Roberto Burle Marx e uma ampla casa térrea, decorada por Terri Della Stufa.



São Paulo (SP), 05/11/2025 - Casa Museu Ema Klabin está localizado no Jardim Europa. No local, a empresária Ema Klabin viveu de 1961 a 1994. Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil - Paulo Pinto/Agência Brasil

“A arte é algo que ensina os imaginários. Um artista tem como função criar possibilidades de futuro, de imaginário. Quando isso é feito, compartilha-se com o público possibilidades mais críticas e criativas de uso da tecnologia. Isso tem um papel político.” É assim que a professora Heloisa Espada, do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP, resume a ideia e o papel da exposição Antagonistas: Resistências Algorítmicas, em cartaz no MAC até 22 de fevereiro de 2026. Heloisa é curadora da mostra, ao lado dos artistas Bruno Moreschi e Gabriel Pereira, que em 2023 publicaram o artigo Sempre Fomos Antagonistas, em parceria com a professora da USP Giselle Beiguelman – colunista do Jornal da USP – e o professor André Mintz, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao todo, estão expostas 30 obras, sendo que mais da metade delas pertencem ao acervo do museu. Em comum entre elas está a criticidade e a criatividade com que a arte vem sendo utilizada há décadas para questionar a tecnologia e se utilizar dela.

Destaques

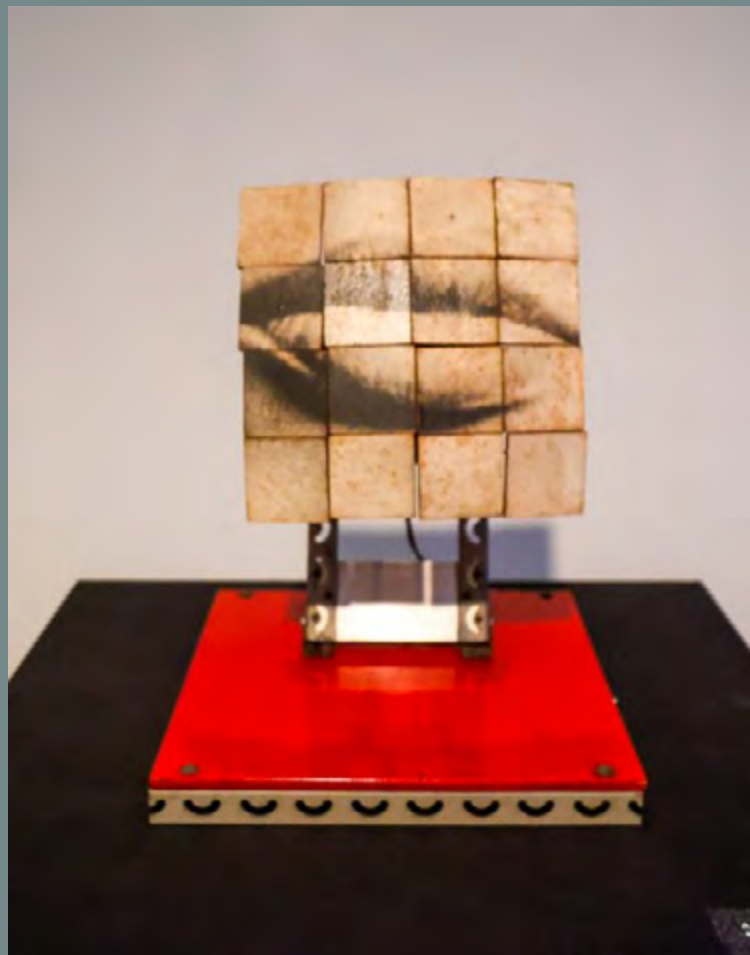
Dentre as obras presentes na exposição, algumas ganham destaque pelo seu ineditismo. Ao Jornal da USP, tanto Heloisa Espada como Bruno Moreschi dão ênfase a M3x3, produção realizada pela artista Analívia Cordeiro no início dos anos 1970. A artista, que também é bailarina e cenógrafa, utilizou seus conhecimentos para compor uma coreografia para bailarinas por intermédio de um programa de computador. “Ela cria um sistema de notações de movimentos, quase mecânicos, e faz um desenho com isso. Cada notação, ou orientação de movimento, foi transformada num código binário e inserida num computador”, explica Heloisa. Apesar de toda a automatização por trás, ela ressalta que, “por mais que os movimentos sejam programados, há espaço para a criação das bailarinas, para o imprevisto entre um movimento e outro. Existe uma aliança entre ser humano e máquina”.



M3x3, de Analívia Cordeiro (1975) foi uma das primeiras videoartes a serem expostas em museus brasileiros - Foto: Reprodução/analivia.com.br

Próxima da obra de Analívia está a de seu pai, Waldemar Cordeiro, com *Derivadas de uma Imagem*, que se utiliza de uma propaganda do dia dos namorados para compor uma imagem a partir de pequenas letras de códigos. Existem várias versões da obra, sendo que a que está exposta no MAC foi doada por Giorgio Moscati, engenheiro e programador que trabalhou ao lado de Cordeiro na impressão. Moreschi aponta para a importância do fator colaborativo na produção artística, que muitas vezes é deixado de lado: “O artista geralmente não domina técnicas de programação, de computação avançada. Então ele sempre tem que trabalhar com alguém. Isso mostra que a arte não é uma produção sozinha por si só”.

Ele destaca, também, outra obra de Waldemar Cordeiro: *O Beijo*, de 1967. Trata-se de uma máquina que apresenta a boca da atriz francesa Brigitte Bardot por meio de pequenos quadrados. “E, quando esse trabalho funciona, esses quadradinhos se abrem e você tem a impressão de que a boca está se abrindo. Só que, diferente de você ver a garganta de uma pessoa, você vê a parte interna da máquina”, explica. Devido à sensibilidade da produção, que utiliza o motor de um espremedor de frutas, ela só funciona algumas vezes ao dia.



O Beijo, de Waldemar Cordeiro (1967), funciona graças a um motor de espremedor de frutas – Foto: Cecília Bastos/ USP Imagens



O professor, artista e curador Bruno Moreschi – Foto: Gabi Conti

Moreschi também joga luz sobre as produções de artistas indígenas da exposição. Em *Cosmotécnica das Bordunas Tupinambá*, Glicéria Tupinambá viajou para museus europeus onde estão objetos e peças de sua própria cultura, muitas vezes arquivados, preservados ou exibidos de maneira equivocada, e expôs seus registros e percepções na mostra. Já em *Tecnologia Ancestral da Cerâmica*, Irineu Nje’a Terena viajou pelo Brasil para resgatar parte de sua cultura. Os Terena têm uma tradição ligada à cerâmica, a qual se perdeu no deslocamento do Mato Grosso do Sul para o interior de São Paulo, onde hoje se localizam. “Irineu começou a viajar para o Mato Grosso do Sul para aprender essas técnicas, voltar para Bauru e ensinar a comunidade dele.” Moreschi explica que, como a técnica é tradicionalmente utilizada pelas mulheres, o artista fez um agenciamento com mulheres do Mato Grosso do Sul durante o processo. “Existe todo um ritual de permissão, que tem muito a ver com quando falamos com os dados, com o consentimento de dados, de pedir permissão para compartilhar um dado ou para ter acesso a ele. Os pesquisadores indígenas têm esse cuidado quando estão tratando da sua própria cultura.”



Tecnologia Ancestral da Cerâmica, de Irineu Nje'a Terena, valoriza a tradição da cultura terena – Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Outro diálogo bastante potente entre duas obras aparece entre *Imagens de Acesso V2*, de Gu da Cei, e *Uma Obra Permanente*, de Isidoro Valcárcel Medina. Enquanto a primeira, recente, é um vídeo montado a partir de imagens de câmeras de reconhecimento facial no transporte público, a segunda, dos anos 1970, se vale da reciprocidade para propor o compartilhamento de dados, como explica o texto de apresentação da mostra: “O artista oferece suas informações pessoais na metade superior e convida o público a preencher a inferior com seus dados”.

O curador Gabriel Pereira entende que essas produções podem suscitar debates importantes na contemporaneidade: “Os dois falam sobre o direito ao nosso rosto, aos nossos dados pessoais. Discutem vigilância em massa e controle de dados. São artistas de épocas diferentes que dialogam de forma impressionante”.

Uma Obra Permanente, de Isidoro Valcárcel Medina, discute a troca de informações e o armazenamento de dados a partir da ideia de reciprocidade – Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

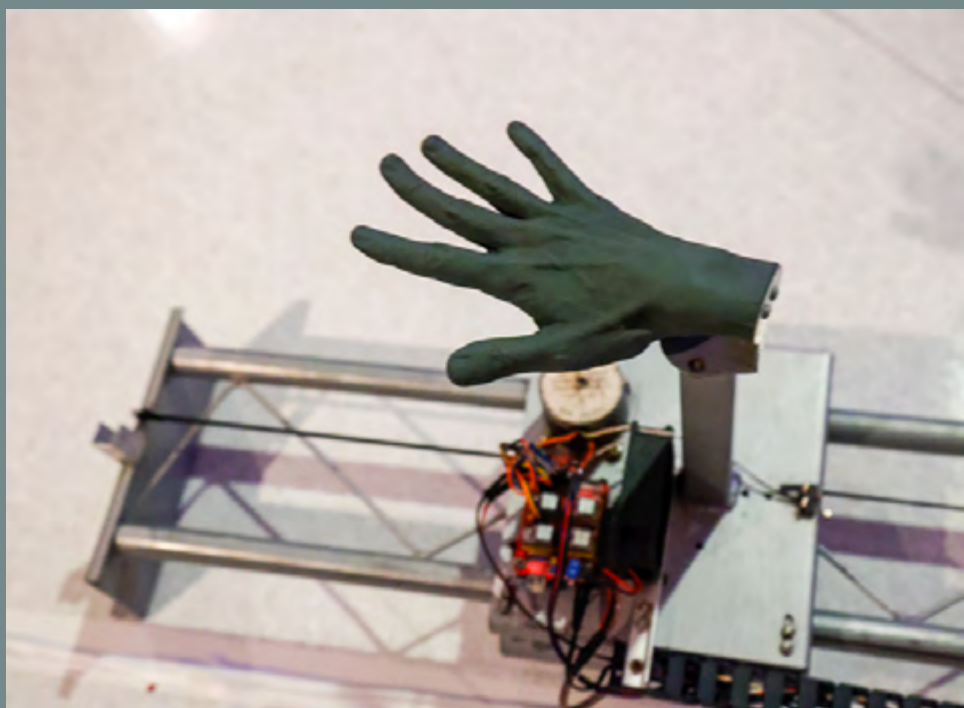


Os curadores dão destaque, também, à obra Canal*MOTOBÓY, de Antoni Abad. Numa época anterior à presença massiva de câmeras nos aparelhos celulares, o artista espanhol distribuiu câmeras integradas para que os motoboys registrassem o cotidiano de seus trabalhos. Para Pereira, “foi uma forma de dar voz e visibilidade a um grupo marginalizado, muito antes das redes sociais atuais”. Heloisa completa: “Esses usos não programados ou não óbvios da tecnologia muitas vezes são feitos por ativistas. Artistas também são ativistas”.

O uso da tecnologia reaparece em Re-member, de Leandra Espírito Santo, que reúne reproduções de membros do corpo humano feitas de fibra de vidro e resina, que se movimentam e são transportadas de forma mecânica. A obra funciona por meio de peças e mecanismos retirados de outros equipamentos, isto é, de lixo tecnológico, transformado em algo novo. “A exposição é muito voltada para estimular o visitante a pensar o que fazer com a tecnologia. Por um lado, a exposição é muito crítica em relação às tecnologias e aos seus usos, por outro, não é apocalíptica. A ideia é incentivar a pensar de maneira criativa sobre como usar essas ferramentas que estão no nosso dia a dia”, comenta Heloisa.



A professora Heloisa Espada, do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP - Foto: Reprodução/IMS



Com Re-member (acima e ao lado), Leandra Espírito Santo vislumbra um novo futuro para a reutilização de aparatos tecnológicos - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Crítica, criatividade e otimismo

Para os curadores, Antagonistas: Resistências Algorítmicas traz como mensagem a ideia de não aceitar as coisas passivamente. “A arte tem um papel fundamental de nos desfamiliarizar das situações que vivemos – as injustiças, os problemas sociais, as estruturas de poder – e de imaginar alternativas”, analisa Gabriel Pereira. Mais do que isso, a exposição estimula a pensar a tecnologia como algo mais amplo, para além de supercomputadores, e compreendendo, inclusive, técnicas tradicionais como a cerâmica. “A ideia é sempre dar autonomia para as pessoas. Nós temos as ferramentas digitais nas mãos, mas podemos sempre achar uma brecha para fazer um uso mais crítico mesmo, não subordinado”, complementa Heloisa.

Ao longo da exposição, aparecem várias obras cujo foco é a crítica a governos autoritários, não só no Brasil, mas também em outros lugares da América Latina que passaram por ditaduras na segunda metade do século passado. Sobre isso, Moreschi avalia a importância do desenvolvimento da arte postal, presente em várias das produções: “Os Correios eram uma tecnologia da época, e os artistas pensaram em se apropriar dessa tecnologia, que era estatal, para criar um canal alternativo de trocas e burlar a censura”. Trata-se, aí, de uma resposta a governos autoritários por meio do pensamento crítico em uma época em que exposições mais críticas não eram permitidas – tempo em que o MAC era dirigido pelo professor Walter Zanini (1925-2013).

Apesar do tom crítico, Moreschi acredita que o otimismo também deve ser um objetivo a ser perseguido: “Hoje, quando falamos em inteligência artificial, por exemplo, o discurso é muito alarmista. E eu acho que com razão,

é tudo muito preocupante. Mas às vezes o pessimismo nos paralisa. Trouxemos artistas de diferentes épocas que decidiram reagir, fazer coisas, ser protagonistas. E isso significa que pode haver saída. Talvez não na escala necessária, mas existem, aqui, sementes e experiências que, se olharmos com carinho, podemos replicar”.

A exposição Antagonistas: Resistências Algorítmicas fica em cartaz até 22 de fevereiro de 2026, de terça-feira a domingo, das 10 às 21 horas, no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP (Avenida Pedro Álvares Cabral, 1.301, Ibirapuera, em São Paulo). Entrada grátis

Foto: Barbara Medo



O artista, professor e curador Gabriel Pereira

40
anos

de memória

**O Museu Histórico de Cambé entre a pesquisa,
a comunidade e os desafios do tempo**



Quando um museu atravessa quatro décadas de existência, ele deixa de ser apenas um edifício com objetos e se transforma em uma espécie de espelho coletivo. O Museu Histórico de Cambé (MHC), que recentemente foi reinaugurado em novo espaço, chega aos seus 40 anos como um lugar onde a cidade se reconhece, se reencontra e, sobretudo, se questiona.

A data é mais do que comemorativa: ela marca um ponto de inflexão. A reinauguração não representa apenas uma mudança arquitetônica ou estética, mas a atualização de uma forma de pensar o patrimônio. O museu deixa de ser apenas guardião de objetos antigos para assumir, cada vez mais, o papel de mediador entre passado, presente e futuro.

A Trajetória de um Reposicionamento

A história do Museu Histórico de Cambé, fundado em 30 de outubro de 1985, é uma trajetória marcada por um notável reposicionamento de seus objetivos. Inicialmente, a instituição focava na história da reocupação da região pela Companhia de Terras Norte do Paraná e no destaque ao pioneirismo local. No entanto, ao longo das décadas (1985-2025), o MHC ampliou seu escopo para pesquisar a arqueologia indígena, tornando-se uma referência regional na exposição de um vasto acervo arqueológico relacionado aos povos indígenas do norte do Paraná. Essa trajetória de mudança, que se afasta do modelo de “museu tradicional” para incorporar a temática indígena e representar uma “quebra de paradigma” na historiografia local, foi identificada e analisada em nível de pós-graduação, por meio da dissertação de mestrado que fundamenta este artigo. O estudo propiciou mapear como

o Museu Histórico de Cambé se consolidou como um campo de disputas simbólicas e mediação entre memórias silenciadas e a narrativa oficial.

O sucesso dessa transformação se deve, em grande parte, ao trabalho e à articulação de figuras-chave, que atuaram em diferentes momentos:

César Cortez (Diretor/Museólogo): Um dos fundadores do museu, ele inicialmente focou na história dos pioneiros. No entanto, seu interesse pela temática indígena (evidenciado em publicações como o jornal “Cambirimba” de 1978) e o lançamento de campanhas para arrecadar objetos indígenas em 1990 foram cruciais para a mudança de foco do MHC.

Professor João Sabaine: Este professor de História da cidade fez uma doação significativa ao museu de um acervo particular de arqueologia indígena, que ele colecionou desde a década de 1970. Sua doação foi tão impactante que resultou na criação da Sala Professor João Sabaine no Centro Cultural de Cambé.

Arqueóloga Claudia Parellada: Sua atuação, iniciada com visitas e cursos no MHC em 1993, foi fundamental. Em 2011, a partir de análises e tecnologias avançadas, ela anunciou a redefinição do Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia (descoberto em 1990) como a Missão Jesuítica de San Joseph (1625–1631). Essa descoberta inseriu Cambé na área de domínio da Coroa Espanhola do século XVII, dando uma nova profundidade à história regional.

Do Guardião ao Mediador: O Museu e a Comunidade
O movimento do MHC dialoga diretamente com uma trajetória de pesquisa desenvolvida ao longo dos anos,



Imagens: Gisele Cabrera



especialmente em nível de pós-graduação, em torno das relações entre memória, narrativa e poder nos espaços museológicos. A ideia de que o museu não é neutro — mas um campo de disputas simbólicas — ganha materialidade no cotidiano da instituição.

A nova montagem convida o visitante a deslocar o olhar. A presença do acervo indígena e arqueológico, por exemplo, amplia o tempo da cidade. A história local já não começa apenas com a chegada dos colonizadores da Companhia de Terras Norte do Paraná, mas recua séculos com os povos Tupi-Guarani.

Nesse gesto, o museu deixa de repetir apenas narrativas heróicas do pioneirismo e passa a abrir espaço para histórias antes silenciadas, como a resistência indígena contra o mito do vazio demográfico. As exposições, como a “Exposição Indígena” realizada já em 1986, contavam com a participação de famílias indígenas da Reserva do Apucarantina, promovendo a troca cultural e combatendo o preconceito.

O aniversário de 40 anos também permite refletir sobre o papel social dos museus em cidades médias do interior. Diferentemente dos grandes museus das capitais, instituições como a de Cambé trabalham com proximidade: o doador é vizinho, o visitante é ex-aluno, o objeto pertenceu a uma família conhecida. Isso cria uma relação afetiva singular entre comunidade e patrimônio. Os Desafios do Tempo

Apesar das conquistas, o MHC e outras instituições coirmãs na região, como o Museu Histórico de Londrina

“Padre Carlos Weiss”, enfrentam o constante dilema da resistência. A gestão do MHC é marcada por desafios administrativos, pois desde a sua fundação luta por equipe técnica, investimento e ampliação do foco de estudo e pesquisa.

Assim, a falta de pessoal qualificado, de financiamento e de uma política pública de continuidade para a área cultural é um problema crônico que afeta os museus públicos de uma forma geral, com algumas raras exceções. Contudo, o MHC continua a ser um agente de história e memória, mantendo um canal de debate sobre uma história que muitos na sociedade talvez prefeririam apagar.

Mais do que preservar o passado, o museu passa a produzir sentidos para o presente. Ao reorganizar seus espaços, o Museu Histórico de Cambé não apenas expõe objetos, mas também reposiciona perguntas: Quem somos? De onde viemos? Quais histórias escolhemos contar — e quais ainda precisamos ter coragem de escutar?

Celebrar 40 anos, nesse contexto, não é apenas festejar a longevidade de uma instituição, mas assumir uma responsabilidade. A reinauguração marca o reconhecimento de um trabalho coletivo, feito por servidores públicos, pesquisadores, professores, alunos e moradores que, ao longo de décadas, confiaram seus fragmentos de vida a um espaço comum de memória. O Museu Histórico de Cambé chega a este novo ciclo menos como um depósito do que como uma arena pública



Imagens: Gisele Cabrera



Imagens: Gisele Cabrera

de diálogo. Um lugar onde a história não está pronta, mas permanentemente em construção. E talvez seja justamente esse o maior legado desses quarenta anos: ensinar que a memória não é um lugar onde se chega, mas um caminho que se percorre junto.

Eduardo Pavinato é servidor público em Cambé desde 1986, com 24 anos de atuação no Museu Histórico de Cambé (MHC), onde desenvolve atividades técnicas, curatoriais e de gestão para a preservação do patrimônio e cultura material. É mestre em História Social pela UEL (2024), com pesquisa sobre a trajetória e arqueologia indígena do MHC. Bacharel em História e Direito, é Doutorando em História na UFPR, onde pesquisa

narrativas indígenas contemporâneas, museologia e decolonialidade no Norte do Paraná. Ocupou cargos de gestão pública municipal e contribuiu para projetos, como a implantação do Parque Histórico Municipal Danziger Hof e a recuperação da Capela São João Batista entre outros.

Outras informações relevantes sobre a temática acima poder ser consultada por meio da leitura da dissertação de mestrado do autor deste artigo intitulada Conexões Temporais: História e Arqueologia Indígena no Museu Histórico de Cambé 1985 - 2023 <https://repositorio.uel.br/items/bf16584b-754b-46f3-b974-70952a528484>



Imagens: Gisele Cabrera

1º Encontro dos Comitês Nacionais de Cultura e dos Agentes Territoriais



Palco e testemunha das maiores emoções, resistências e conquistas do povo brasileiro, Brasília é esta capital emblemática, sustentada por uma arquitetura moderna e sua grande relação com a cultura, sobretudo nos momentos de resistência e retomada democrática.

De 15 a 20 de novembro, pude presenciar a força, a beleza e o futuro da cultura brasileira no I Encontro dos Comitês Nacionais de Cultura e dos Agentes Territoriais: nossa luta, nossa resistência, a consolidação da política pública de cultura e o novo Plano Nacional de Cultura 2025/2035 que estimula estados e municípios nessa caminhada pelo SUS da cultura. Estive no I Encontro a convite do MinC como agente territorial e jornalista a serviço da Revista D'arte.

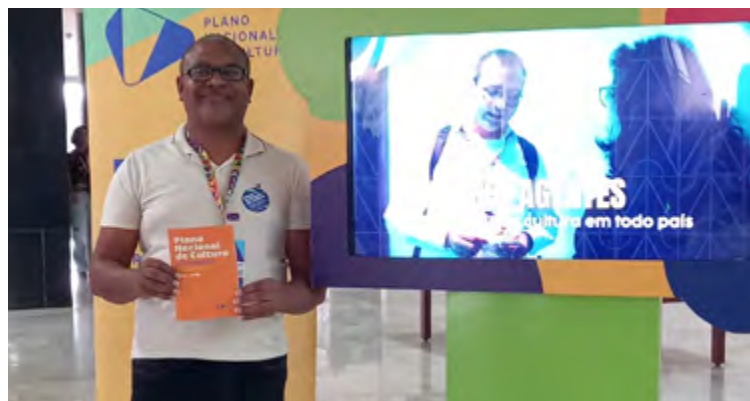
O Encontro ainda teve oficinas, debates, mesas e a confraternização de trabalhadoras e trabalhadores da cultura de Norte a Sul cujos sonhos aportaram em Brasília num fio condutor de reflexão, esperança e ação.

Com a recriação do Ministério da Cultura pelo governo Lula em 2023, as mobilizações em torno de políticas públicas como os pontos e pontões de cultura; sistema nacional de cultura; lei de fomento cultural; valorização do patrimônio; sistema de pontuação diferenciada em editais e cotas para as minorias sociais e legislações pertinentes voltaram à tona, desta vez com a consolidação e olhar para nosso futuro. Afinal, a cultura representa nossa identidade, nossa maior embaixadora no exterior.

Além da inclusão, memória e identidade, a cultura brasileira promove empregos e gera renda retornando o valor de 7 vezes mais sobre o valor investido. Em pequenos municípios claramente vemos artesãos, pescadores, marisqueiras, cozinheiras, cantores e mestras (es) da cultura popular atuando na preservação do rico patrimônio imaterial e ajudando na construção e afirmação da economia criativa e da economia solidária. Que os novos tempos, construídos com resistência e muito trabalho, se afirmem considerando a importância da cultura para a história e o futuro do Brasil e, a força do nosso país no mundo.

Aldo Moraes

Músico, escritor e jornalista (MTB 0010993/PR)
Ex-secretário de cultura de Londrina, agente territorial da Fundação Cultural de Sergipe e agente territorial do Ministério da Cultura



Divulgação



Desço as ladeiras de Abadia como quem reencontra os ancestrais e revive a história de miscigenações e batuques ao intenso sol do Nordeste e o aroma dos sabores tropicais apimentados e deliciosamente temperados. Chego a convite do produtor cultural e idealizador do Movimento de mobilização social e cultural da comunidade, Jailson Ramos. Chego ao III Encontro Cultural de Abadia!

JANDAÍRA

Abadia é uma comunidade no município de Jandaíra, cidade litorânea no interior da Bahia. Muito mais que um município, uma estatística, um ponto no mapa nacional, Jandaíra preserva e apresenta memórias de um Brasil profundo de reisados, samba de coco, marujadas e a celebrada Festa de Nossa Senhora da boa morte. A economia de Jandaíra é baseada na agricultura e pesca. Abadia se destaca por sua história, sua força e a mobilização civil que entre outras conquistas criou uma biblioteca pública e comunitária, inaugurada em 2023. A força popular também viabilizou o coco, moeda comunitária que circula na região e promove a economia.

O III ENCONTRO CULTURAL

O evento é fruto dessa mobilização social e cultural que possui vários braços e que encontra na força e sensibilidade de Jailson Ramos a liderança presente e necessária que enfrentou dias difíceis de pandemia e extinção do Ministério da Cultura, responsável pela política pública nacional de promoção e preservação da arte e cultura, tão importante em regiões como Jandaíra. Posso afirmar que a comunidade de Abadia é feita pela matéria sensível e cara de homens e mulheres guerreiros. Sem me ater à ordem das apresentações de manifestações tradicionais e populares da nossa cultura, relato o que ouvi e vi. Grupos locais e também convidados de Sergipe e Bahia. E que me encantaram:

MARUJADA

A Marujada de Saubara é uma tradição cultural centenária do Recôncavo Baiano, onde moradores, muitos ligados à pesca, encenam histórias de bravura e fé com danças e cantos, representando batalhas navais e homenageando São Domingos de Gusmão, padroeiro local, com um cortejo pelas ruas que revive a luta contra mouros e a independência da Bahia, sendo um forte elo cultural e geracional na região.

Principais Características:

- **Dança e Música:** Os participantes, vestidos de marujos, executam coreografias e cantam músicas que narram feitos marítimos, acompanhados por pandeiro.
- **Narrativa:** As cheganças (grupos de marujada) contam histórias de lutas, como a batalha entre cristãos e mouros, e a defesa da Baía de Todos os Santos.
- **Religiosidade:** A manifestação está ligada à fé, com homenagens a São Domingos de Gusmão, protetor dos marujos, e celebrações em contextos religiosos.
- **Cultura Local:** Reflete o cotidiano de Saubara, onde a pesca e o marisco são atividades centrais, e fortalece a identidade local.
- **Eventos:** Anualmente, acontecem encontros de marujadas, reunindo grupos de diversas regiões para celebrar e fortalecer a tradição.

Onde Acontece:

- Principalmente em Saubara, no Recôncavo Baiano, com forte presença dos pescadores e marisqueiras da região.
- Importância:- É um patrimônio cultural que une gerações, transmitindo a história e a identidade local através da arte popular.

REISADO

O Reisado do Crasto é uma importante manifestação cultural e folclórica da comunidade quilombola do povoado Crasto, localizado no município de Santa Luzia do Itanhhy, em Sergipe.

Trata-se de um folguedo que mistura música, dança e teatro, celebrado principalmente durante o ciclo natalino, da véspera de Natal (24 de dezembro) ao Dia de Reis (6 de janeiro). Conheci as lideranças femininas através da querida e lutadora Nilzete da Conceição em visita que fiz à comunidade quilombola e agora tive a oportunidade de assistir a manifestação ao vivo.

O que é o Reisado?

O reisado é uma tradição de origem portuguesa que celebra a visita dos três Reis Magos (Gaspar, Melchior e Baltasar) ao menino Jesus, um evento central na fé cristã. Em Sergipe e no Nordeste do Brasil, a manifestação ganhou contornos únicos, incorporando elementos da cultura local e da resistência das comunidades, como é o caso no Crasto, que é um território quilombola.

As apresentações, também conhecidas como “brincadeiras”, são um verdadeiro teatro de rua, com “brincantes” (participantes) fantasiados que formam um cortejo, visitam casas e louvam o nascimento de Cristo com cantos e danças. É uma festa de grande valor simbólico, representando a identidade e a memória viva da comunidade.



Localização e Importância

O povoado Crasto é reconhecido por sua riqueza natural e cultural, sendo um ponto de referência para o turismo de base comunitária em Sergipe. A Associação Quilombola do Crasto trabalha para fortalecer a economia criativa local, valorizando a história e as tradições, como o reisado, o samba de coco e as visitas a figuras tradicionais como cordelistas e benzedeadas. Na visita que fiz ao Crasto, conheci Núcleo de Mulheres Quilombolas/ Numeq e tive contato com o artesanato produzido com escamas de peixes e sobras de mariscos além da culinária típica.

Voltando ao tema, o reisado, em suas diversas formas em Sergipe (incluindo em cidades como Japarutuba), já foi inclusive objeto de reconhecimento como manifestação da cultura nacional.

Também de Sergipe a comunidade de Pontal, em Indiaroba apresentou o reisado recomeço formado por mulheres adultas que voltaram aos estudos através do CEEBJA. Pontal (SE) refere-se à localidade de Pontal de Indiaroba, um povoado charmoso e rústico no litoral sul de Sergipe, na divisa com a Bahia, famoso pela beleza natural, gastronomia de frutos do mar e passeios de barco pelo Rio Real, oferecendo uma experiência de conexão com a natureza e sossego. Pontal faz divisa com mangue seco, cenário do livro, filme e novela Tietê do agreste, obra de Jorge Amado.

O grupo de capoeira sete quedas, de Abadia também se apresentou. Me chamou a atenção o forte apelo ancestral em cantos que evocam o período colonial, a dor e esperança dos escravizados, suas memórias e lutas em cantos festivos e tristes que oscilam entre sentimentos contraditórios daquele contexto. Os integrantes fundem inspiração, respeito e devoção à arte da capoeira na conhecida fusão que se faz entre música, dança, esporte e a evocação de versos rimados.

O grupo terno de rosas brancas, do município de Conde foi convidado e celebrou com improvisações (canto, instrumental, figurinos e dança) a cultura tradicional. Um Terno de Reis é uma tradicional manifestação cultural e religiosa brasileira, especialmente forte em épocas natalinas (fim de

ano/janeiro), onde grupos de músicos e cantores (Os Ternos) visitam casas e praças tocando músicas festivas, celebrando a visita dos Três Reis Magos ao Menino Jesus, transmitindo histórias, fé e união comunitária através de instrumentos como viole, pífano, tambor, gaita e pandeiro.

A festa foi trazida por açorianos no século XVIII, enraizada no folclore e religiosidade, sendo uma folia animada que une música, fé e memória coletiva, mantendo viva uma tradição cultural rica no Brasil.

Ao final do encontro, subo satisfeito as ladeiras de Abadia, voltando para casa preenchido de negritude e cultura tradicional!

Aldo Moraes/ MTB 0010993/PR

Participou do III Encontro Cultural de Abadia como convidado da organização e escreveu a matéria especialmente para a Revista D'arte





Academia Arauense de Literatura e Artes

Fundada há 1 ano, a Academia Arauense de Literatura e Artes nasceu dos sonhos de seus acadêmicos fundadores e em 12 meses traz importantes realizações que superaram barreiras municipais e já dialogam com Sergipe e boa parte do Brasil. São atividades formativas, publicações, debates e encontros além de apoio à produção cultural de seus membros e da comunidade. Escritora, professora e artista plástica Adriana Ribeiro é a presidente da instituição.

Neste sábado, 6 autoras e autores se juntaram aos 28 acadêmicos e também foram empossados membros da Acaliar nas categorias: honorários, beneméritos e correspondentes. São eles/as: Silvana Ramos, Luiza Leon, Maria Inalda Martins Félix, Lucas Góes, Noel Antonio Dias Ramos e Aldo Moraes.

Impressiona a diversidade de atuação artístico-cultural dos membros. A unidade é vislumbrada no fato de que todas e todos são produtivos, expressivos e fundamentais para a dinâmica da cultura local atuando sobretudo em Arauá, Estância e Aracaju.

Organizado com capricho e detalhes, a posse dos novos acadêmicos teve como destaque principal a emoção, a esperança e a palavra. O verbo se fez forte e exato nos discursos da presidente Adriana e do vice presidente David Assis. O secretário de cultural José Marcos de Araújo também integrou a academia.

Arauá é um município do Sul Sergipano, com cerca de dez mil habitantes, com forte vocação agrícola (laranja, mandioca, manga e maracujá) e de grandes tradições culturais como o reisado, os festejos juninos, a música, a dança e a literatura. O patrono da Acaliar é José Olinó de Lima Neto, nascido em Arauá e com formação em medicina na Bahia e, Letras em Aracaju. Com sucesso, verteu para as paisagens e costumes

nordestinos os clássicos das fábulas infantis, sendo até hoje uma referência literária. Nasceu em 1.900 e faleceu em 1985.

Conheci Arauá em 2020 durante a pandemia e a execução da lei Aldir Blanc em todo o Brasil. De fato, atuei e estabeleci fortes relações de amizade e culturais no ano seguinte.

Hoje, como escritor, jornalista, músico, representante do Instituto Cultural Arte Brasil e da Revista D'arte e sobretudo amigo do povo arauense, tomei posse como membro correspondente da Acaliar.

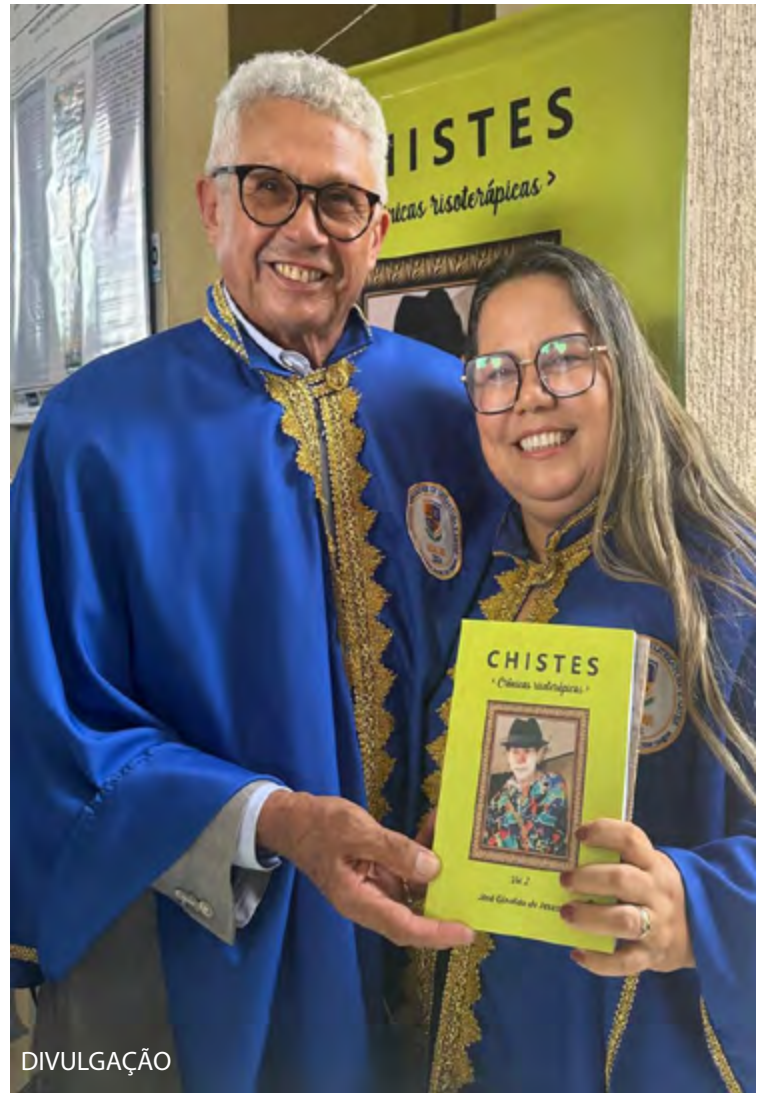
Fui carinhosamente recebido por Adriana Ribeiro e Ginaldo de Jesus; conduzido pela professora e ex-secretária de cultura Vaniclei Santos; recebi a medalha das mãos de David Assis quando finalmente assinei o termo de posse e o certificado da academia.

Celebrar momento importante e inspirador ao lado de pessoas tão especiais e engajadas na promoção do livro e da leitura resgata os sonhos iniciais com bem disse Adriana Ribeiro em sua fala ao público. Relembro o menino percorrendo ruas, rios e o pátio da escola no parque Ouro Verde, em Londrina.

O menino se aventurando em histórias na biblioteca da escola, os primeiros versos, a primeira participação numa coletânea, o primeiro sarau... Tudo é recordação e tão presente que é vida em sua totalidade. A magia e a vida renascem nos sonhos!

Sobre a Acaliar e sua missão, os versos do Hino Nacional lhe caem como luva: o teu futuro espelha essa grandeza!

Aldo Moraes, 13 de dezembro de 2025



DIVULGAÇÃO

Projeto cultural leva teatro, música e literatura a escolas públicas; atividades são realizadas exclusivamente em cidades com territórios indígenas, quilombolas ou com baixo IDH

São Jerônimo da Serra recebe projeto ViraVolta Circulô nesta sexta-feira



As atividades culturais do projeto ViraVolta Circulô chegam a São Jerônimo da Serra nesta sexta-feira. Proposta pelos artistas e produtores Ligia Ferreira e Flávio Araújo, a iniciativa leva teatro, literatura e workshops de música gratuitos para alunos e professores de escolas públicas.

A ideia é circular os produtos originais e autorais da produtora curitibana ViraVolta Cultural, com espetáculos teatrais, livros infantojuvenis e workshops de música por outras regiões do estado. Cada município receberá 4 apresentações, 1 workshop e 100 livros. “Queremos promover a circulação de nossos produtos culturais, ampliando o acesso da população e colaborando para o desenvolvimento humano dessas regiões”, destaca a atriz, escritora e coordenadora do projeto, Ligia Ferreira, ao lembrar que as ações são realizadas exclusivamente em cidades com territórios indígenas ou quilombolas ou com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Apresentações teatrais

Na peça teatral “Bibi Cricri – Bichos e Crianças”, de Ligia Ferreira, uma narradora conta ao público uma incrível viagem que fez através de um livro, na qual conheceu diferentes histórias de amizade entre crianças e animais. “O espetáculo é leve, divertido e estimula a participação do público, conectando-se às crianças e cultivando o amor pelos animais e a importância de cuidar do seu bem-estar”, ressalta o produtor Flávio Araújo, que também atua como sonoplasta e oficina no projeto.

Já a peça “ItUpAvA dois mil e SEM”, de autoria de Flávio Araújo e Ligia Ferreira, traz a temática ambiental para o público, com foco na falta de água. Na história, Augá é uma jovem que vem do futuro para avisar Pâranã, uma sábia pajé, que em 2100 a Terra está secando. Pâranã descobre que ItUpAvA, uma poderosa queda d’água, é o centro de toda vida na Terra e que anos atrás foi iniciado um processo de degradação que está causando enorme dano ao planeta. Juntas, as personagens viajam no tempo e iniciam uma grande aventura para tentar encontrar formas possíveis de modificar os acontecimentos.

Workshop Na palma da mão - música e educação

Idealizado por Flávio Araújo, o workshop é voltado para educadoras e educadores da educação básica, e apresenta ferramentas reflexivas, potentes, práticas e funcionais para as rotinas musicais em sala de aula, tratando de conteúdos como Paisagem sonora, Rítmica básica, Música corporal e Brincadeiras musicadas.

Livros

O livro “Bibi Cricri - Bichos e Crianças”, de Ligia Ferreira, traz quatro histórias que tratam da relação de crianças com os animais: “Tatá e Cacá”, na qual uma menina apaixonada por tartarugas conhece uma companheira para a vida

inteira; “Dudu e o pássaro”, em que um garoto faz amizade com um lindo pássaro e, juntos, passam a criar música; “Dora e Nino”, sobre uma menina e seu cachorro que gosta muito de morder, roer e mastigar as coisas e “Tito e o amigo de quatro patas”, na qual o menino mais ligeiro da escola descobre um parceiro tão rápido quanto ele.

Outra obra literária que faz parte do projeto é o livro “Brincar Brincar Brincar”, também de autoria de Ligia Ferreira, que aborda temas como a importância do brincar, o consumo responsável, a alimentação saudável e o uso da tecnologia de forma moderada. No enredo, Lica, Kiko, Guiga, Luna e Nano são crianças vizinhas acostumadas a brincar na rua e na floresta todos os dias. De repente, surgem na vida de Guiga, Luna e Nano misteriosos elementos: t-ble-ta, g-ppin-sho e são-vi-le-te, que alteram a rotina da garotada. Será preciso uma grande aventura para resolver a situação.

O projeto itinerante foi contemplado no Edital Viva Cultura, da Secretaria de Estado da Cultura, do Governo do Paraná, com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura, do Ministério da Cultura. No total, a iniciativa atenderá 10 municípios, com 40 apresentações teatrais, 10 workshops de música e a distribuição de 1.000 livros infantojuvenis, de forma inteiramente gratuita para os beneficiários diretos. Além de São Jerônimo da Serra, as atividades já passaram pelas cidades de Cerro Azul, Doutor Ulysses, Adrianópolis, Castro, Tamarana e Ortigueira. Ainda em 2025, o projeto passará pelos municípios de Nova Laranjeiras, Manoel Ribas e Guaraqueçaba.

Serviço:

SÃO JERÔNIMO DA SERRA

ItUpAvA dois mil e SEM

07 de novembro de 2025, às 09h30 e às 10h30.

Local: Colégio Estadual José Ferreira de Mello

Bibi Cricri - Bichos e Crianças

07 de novembro de 2025, às 14h e às 15h.

Local: Colégio Estadual José Ferreira de Mello

Na palma da mão - música e educação

07 de novembro de 2025, das 18h às 21h.

Local: Escola Municipal Profa. Vera Lúcia Lemos Costa

Projeto aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura – Governo do Paraná, com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura, Ministério da Cultura – Governo Federal.



Documentário curta metragem que explora o Cachorrão sob a ótica da Cultura e do Consumo.



Ficha técnica:

Ícone da cidade, o famoso Dogão vai muito além de um lanche: é um símbolo afetivo que atravessa gerações e marca a identidade cultural de Maringá. Da chapa quente ao sabor inconfundível, ele une tradição e inovação, conquistando paladares e corações em cada esquina. Ficha Técnica Produção Executiva: Melissa Sperandio e Lair Barroso Roteiro: Melissa Sperandio e Lair Barroso Planejamento de Marketing e Comunicação: Melissa Sperandio e Lair Barroso Direção: Luciano Lúdico Produção Audiovisual: Felipe Pimentel Cinegrafia: Dione Matias Narração: Tuany Yagura Llibras e Legendagem: Inove Livras Imagens: Thiago Louzada Produzido com verba de Incentivo à Cultura Lei Municipal de Maringá Nº 11200/2020 Prêmio Aniceto Matti



FESTIVAL DE CANNES

O AGENTE SECRETO

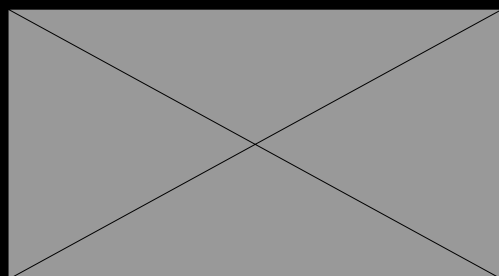
Prêmio de Melhor Ator: **Wagner Moura**

Prêmio de Melhor Direção: **Kleber Mendonça Filho**



O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças, inovação, gestão de pessoas e muito mais. Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades. Permita-se!

www.youtube.com/@podechefe



 **podechefe**
INSCREVA-SE



DISQUE 100 RACISMO

RACISMO É CRIME! DENUNCIE!

AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.



Divulgação/Paulão

Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azylo Resort no Canal 20; TV Metrôpoles na TV Tibagi;
Autor do Projeto radiofônico e televisivo “Azylo Hotel “ desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no “Dia Mundial do Rock” na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina “Papo de Rock” com palestras educativas sobre a

história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005;

Produtor/Apresentador do Projeto “Azylo Hotel Live” gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h
Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, “Blues Hotel” estreou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato
Rua Fernando de Noronha, 433
Londrina-Paraná
(43)9 8818-2604
projetoazylohotel@gmail.com
<https://www.instagram.com/azylohotel> <https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano> Canal Azylo Hotel (YouTube)

MULHER É ATROPELADA E ARRASTADA EM SP

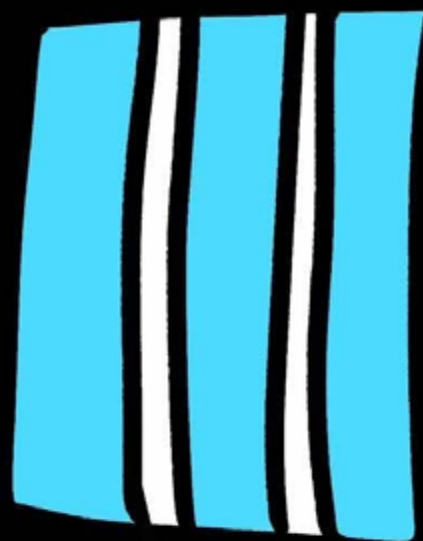
“
O MACHISMO FAZ
COM QUE O MAIS
MEDIÓCRE DOS
HOMENS SE SINTA
UM SEMIDEUS DIANTE
DE UMA MULHER
SIMONE DE BEAUVOIR



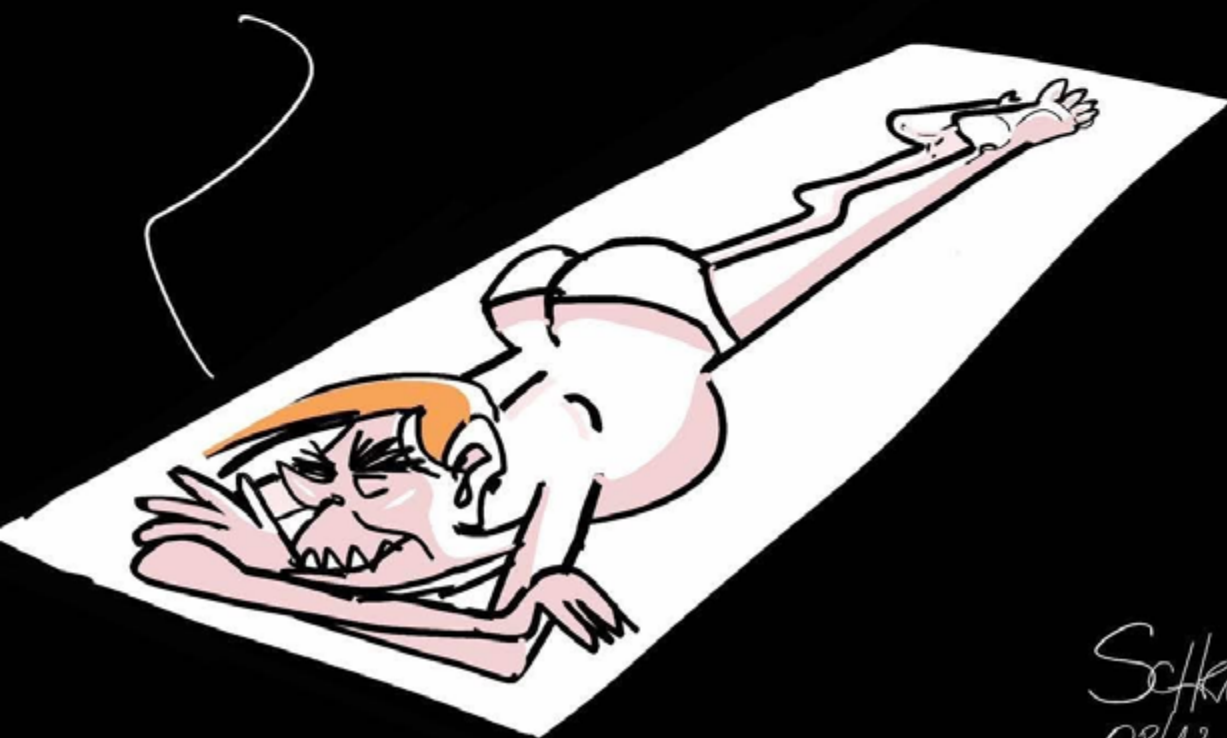
VOCÊS VOTARAM
CONTRA AS NOSSAS
SAÍDINHAS???



SCHROEDER



AS SEGUNDAS-FEIRAS,
SEMPRE FORAM DIFÍCEIS...



Schköder
08/12/25

ALERO SOLTA BACELLAR

EU NÃO FUI
LÁ PARA
ENTREGAR
COLEGA...

A NÃO
SER QUE FOSSE
ABSOLUTAMENTE
NECESSÁRIO!

E, GRAÇAS
AOS COLEGAS,
NÃO FOI...

AR
EIR
2025
BRASIL247





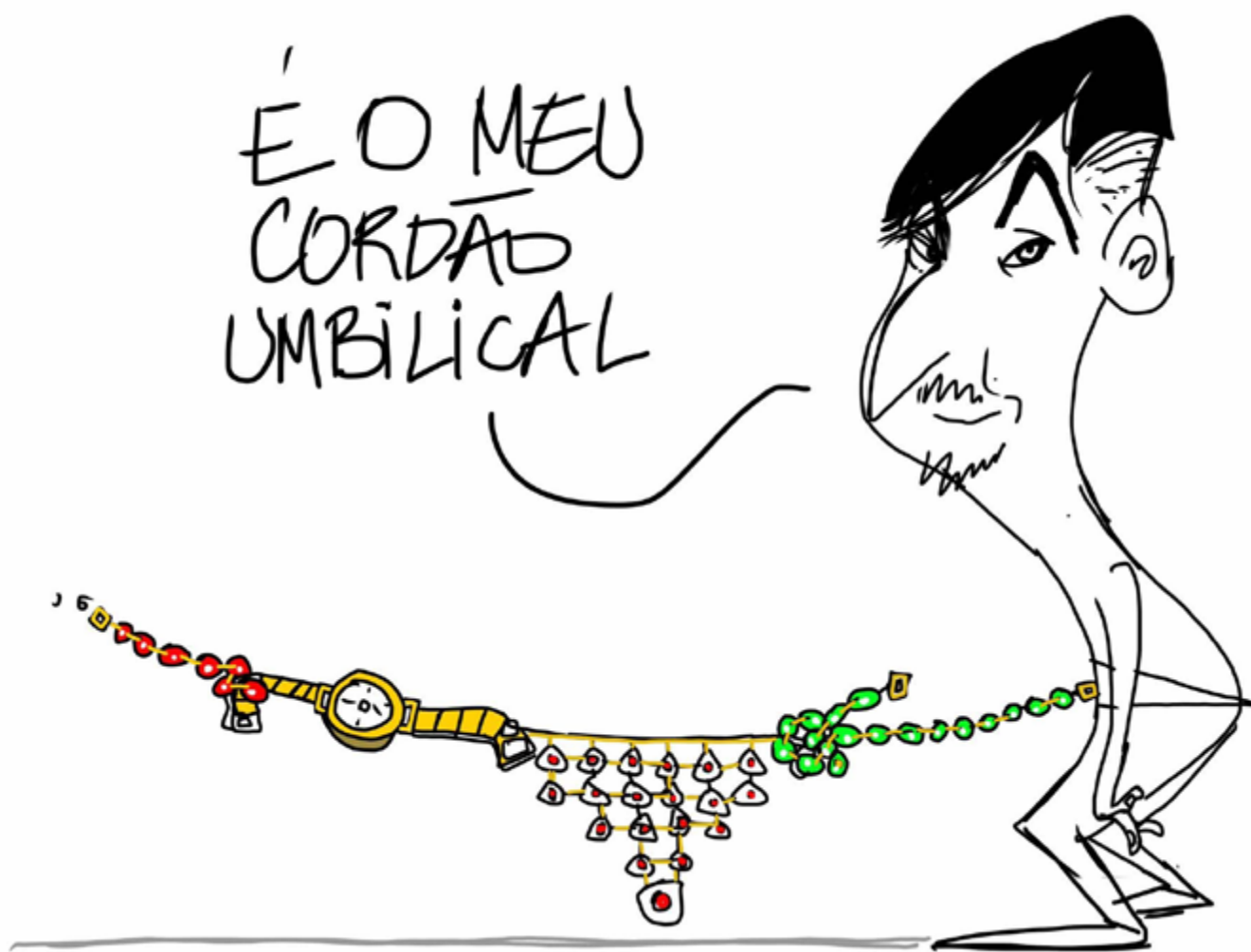
CULTO DE CURAS
CANCELADO...
O PASTOR ESTÁ
DE LICENÇA
MÉDICA





BOREGA

É O MEU
CORDÃO
UMBILICAL





PAPAI NOEL,
VOCÊ NUNCA VAI
SE APOSENTAR?

NUNCA.
NEM VOCÊS.



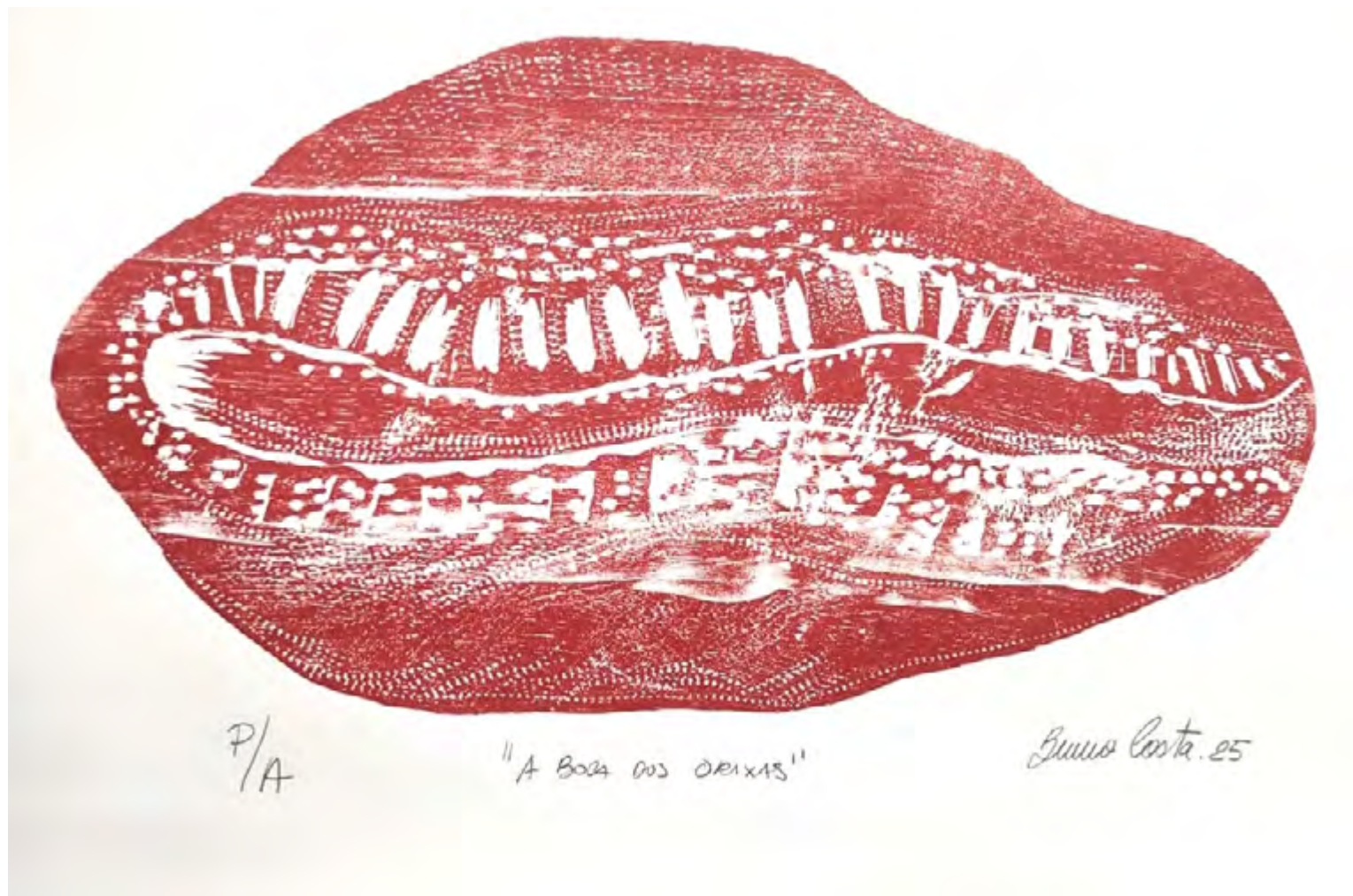
Wagner Faria

Agora é muito mais fácil entrar
nas casas sem ser notado



Rainha dos raios:

Conheça 12 trabalhos artísticos sobre a orixá Iansã



A Boca dos Orixás, de Bruno Costa (Foto: divulgação)

O Nonada conversou com artistas que trazem a orixá Iansã como metodologia e tema de seus trabalhos artísticos

Por
Anna Ortega
4 de dezembro de 2025

Orixá Iansã, ou Oyá, é conhecida por ser a senhora dos ventos. Como todos os Orixás, entidades cultuadas pelas religiosidades e culturas de matrizes africanas, ela é vinculada a forças da natureza. Cada um tem características e qualidades próprias e, no caso de Iansã, a ventania que lhe conforma é também uma síntese de uma enorme capacidade de transformação que carregam consigo. Os itans, histórias de origem iorubá, contam que ela pode, em um só corpo, transformar-se em Búfala e em Borboleta.

A convivência e observação da habilidade de Iansã em assumir diferentes formas corporais fez com que a pesquisadora e professora de teatro Daniela Moraes dedicasse sua pesquisa artística e acadêmica a ela. Se o teatro e a dramaturgia têm como prática estudar as corporalidades, as gradações de energia no palco, o preparo para os diferentes personagens, por que não pensar tudo isso a partir da dança de uma Orixá? Assim, Daniela criou uma metodologia de treinamento para atores e atrizes baseada nos movimentos de Iansã.

“No teatro, muitos dos nossos referenciais de modificações corporais em cena vêm de europeus, norte-americanos”, reflete a professora da Universidade Federal do Alagoas (UFAL). “Por que eu, como uma pessoa afro-religiosa, não poderia investigar a partir das minhas matrizes esses mesmos elementos?”, conta. Na dissertação, intitulada Os elementos de Iansã como possibilidade para criação cênica, a pesquisadora investigou o trânsito da dança de Iansã e dos seus elementos míticos entre o Candomblé, o Afoxé, o Laboratório e o Teatro. A pesquisa aconteceu junto ao Afoxé Oju Omim Omorewá, de Maceió, em uma observação das práticas corporais no teatro, aliadas a experimentos criativos junto ao Coletivo Cores, grupo potiguar de jovens artistas.

A pesquisa resultou em uma metodologia voltada à ampliação do repertório corporal de intérpretes e criadores, em que Iansã é o ponto de partida para criação e desenvolvimento em cena. “Quando Iansã tem determinado movimento de braço, ela está espanando, afugentando os espíritos. Há

também o movimento da espada, que ela utiliza para entrar no campo de batalha”, detalha.

Nesse trânsito entre os saberes do terreiro e da bibliografia teatral, Daniela encontrou um vasto manancial de possibilidades oferecidas pelas gestualidades de Iansã. Daniela conta que o estudo dos movimentos e das corporalidades dos Orixás, em especial, a ajudou a compreender, inclusive, conceitos teóricos que ela não compreendia com facilidade durante a universidade. A mudança de referências pode contribuir para outros modos de pensar o fazer cênico, em exercícios, treinamentos e espetáculos. “Você consegue relacionar o búfalo com um peso, com um determinado estado de atenção. Ele tem uma musculatura muito presente e é um referencial concreto para tratarmos uma sensação muito subjetiva”, reflete.

O oposto também funciona, porque assim como Iansã trabalha o peso, os chifres, de um mamífero, ela evoca a leveza. Em sala de aula, ou em de ensaio, a metodologia é também muito imagética: “Porque, dizer [a atores, intérpretes] ‘imagine que você é a brisa’, é muito subjetivo. Mas é diferente se dissermos ‘imagine que você é uma borboleta’.”

Exercícios teatrais como esse trabalham a cena a partir de outro referencial. Ela, Iansã, dona dos raios e das tempestades, convoca diferentes estados de atenção. Desde que ingressou como professora na universidade, há dois anos, Daniela tem levado a metodologia também para as disciplinas. A polirritmia de Iansã é uma aliada no palco e, segundo ela, pode ser expandida para diferentes atuações nas artes cênicas.

“Os elementos que são trabalhados na dança de Iansã são muito parecidos uns com os outros, o que muda é a forma. Por exemplo, se eu quiser montar Romeu e Julieta, eu posso muito bem trabalhar a família Montecchio com a unidade de energia de um Orixá. Posso ter uma unidade de energia de outro Orixá, como trabalhar com a energia de Ogum e com a energia de Xangô”, explicita. Depois de se debruçar sobre o movimento Iansã, Daniela Beny focou seu doutorado em Ogum, abordando a corporeidade e poética do Orixá e analisando as aproximações e distanciamentos com o trabalho do ator.

Levar lansa para o centro do palco é também o que faz a artista e intérprete Maria Bethânia há pelo menos 60 anos. A cantora desde a juventude foi firme ao reivindicar o lugar dos Orixás, na própria prática artística, em especial a mãe da sua cabeça, do seu orí, lansa. A associação entre as duas é tão grande que, durante a vida, Bethânia ouviu que ela seria lansa, mas foi irredutível ao dizer que seu trabalho era um veículo para a expressão da Orixá e que “ela se deixa ver em mim e isso me honra.”

Foi essa a frase que o pesquisador, poeta e pesquisador Marlon Marcos ouviu da própria cantora ao fazer da relação entre lansa e Bethânia um caminho de pesquisa. O interesse no vínculo entre as duas começou em uma disciplina na graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), dedicada a estudar mitos contemporâneos, em que ele optou por estudar o mito que circundava Maria Bethânia. Em desdobramentos dali, produziu uma dissertação dedicada ao tema, Oyá-Bethânia: os mitos de um orixá nos ritos de uma estrela, em que Marlon analisou as muitas performances de palco de Bethânia e da projeção de sua imagem conectadas às representações às narrativas da entidade de origem iorubana, lansa-Oyá.

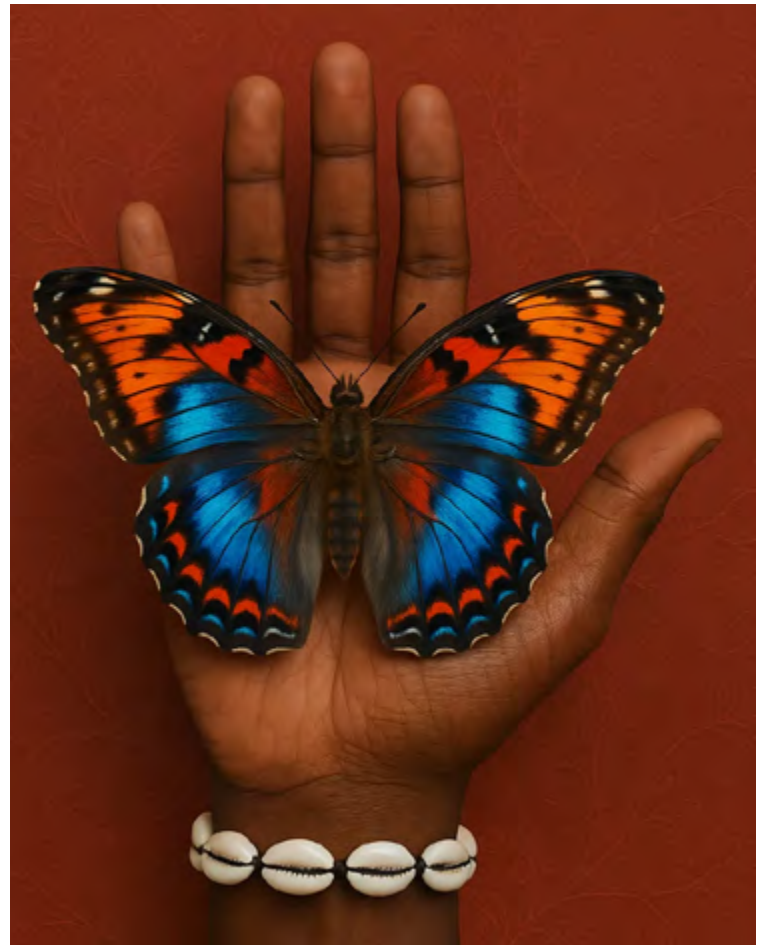
Marlon reflete sobre a importância de Maria Bethânia, enquanto destaque da música popular brasileira que durante toda trajetória incorporou referências ao candomblé no palco. Na atual turnê de seis décadas de carreira, ela inicia o espetáculo, vestida de vermelha — cor de lansa, cantando: rainha dos raios / tempo bom / tempo ruim. A canção de abertura é lansa (1972) e, para o pesquisador, revela uma permanência que atravessa o tempo. “Não é só uma preocupação estética. Ela faz uma louvação à lansa, porque nunca abriu mão desse orixá, nem dentro, nem fora dos palcos”, explica o professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Para ele, Maria Bethânia é uma pensadora do Brasil, que através de sua performance ensina uma visão de país, onde estão os Orixás, os Exus, os Caboclos, e claro, lansa em primeiro lugar. “Oyá é uma filosofia do movimento. Ela é uma Orixá da mudança, que não aceita o cotidiano, que desobedece. Ela é o fogo e também a água,

porque seu nome é Oiá, um dos rios mais longos da África Ocidental.” A força e associação trazida por Bethânia é, segundo Marlon, educativa. Como lansa, a artista não arredou o pé da presença afro religiosa em sua produção artística.

O Nonada reuniu trabalhos artísticos que, como os de Daniela e Marlon, entrelaçam as diferentes linguagens das artes às expressões de lansa. Confira a lista completa:

Oyá, de Moisés Patrício



Série Aceita, de Moisés Patrício (Foto: divulgação)

A obra Oyá, de Moisés Patrício, integra a série Aceita?, um conjunto de mais de mil fotografias realizadas pelo artista desde 2013. Na série, o artista visual, multimídia e sacerdote da tradição afro-brasileira, repete o gesto de abrir a mão e estendê-la, como em uma oferenda, rito constituinte das religiosidades de matriz africana. Como característica de sua produção artística, ele trabalha no cruzamento de linguagens, com elementos da cultura afro-brasileira, refletindo sobre a herança racista do Brasil em que a própria expressão “mão de obra” é historicamente atribuída à população negra. Sua atuação ultrapassa os limites do terreiro, promovendo diálogos entre arte, filosofia e religiosidade.



Ònà Irin: caminho, de Nádia Taquary (Foto: Cortesia da Galeria Portas Vila Sec)

A exposição Ònà Irin: caminho, em exibição no SESC Belenzinho, em São Paulo, de Nádia Taquary destaca a pesquisa da artista sobre o universo afro-brasileiro e a presença feminina nos mitos de criação das matrizes iorubás. A orixá Iansã aparece entre as obras reforçando a importância das forças femininas na cosmologia afro-brasileira, aspecto importante da produção de Nádia que tem uma sólida trajetória dedicada a joalheria afro-brasileira, adornos que carregam símbolos de fé, proteção e prosperidade, além de serem formas de resistência e afirmação.

lansã, de Josafá Neves

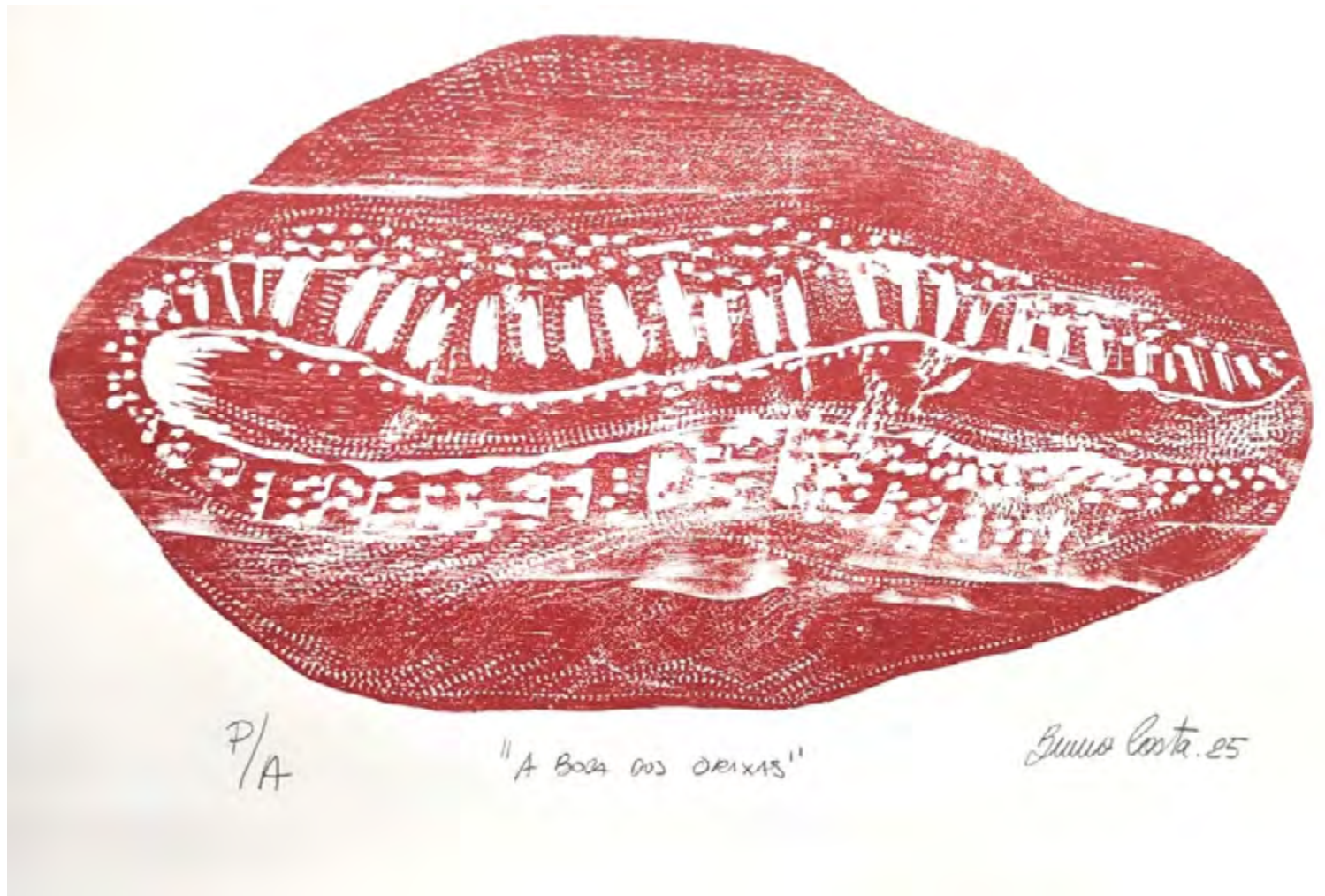


Fotos: Arapua Comunicação

A orixá lansã aparece com destaque nas obras do artista Josafá Neves e em sua mais recente exposição Orixás, aberta no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM), em Salvador, com A partir de cores, geometrias e símbolos, o artista propõe uma imersão sensorial e simbólica nas

raízes afro-brasileiras. “lansã” é a instalação principal e ocupa a Capela do Solar do Unhão, dentro do museu. Envoltas por trezentos fios vermelhos, adornados com búzios, a obra foi criada em uma residência artística realizada pelo artista em Angola, em 2023.

A Boca dos Orixás, de Bruno Costa



A Boca dos Orixás, de Bruno Costa (Foto: divulgação)

A xilogravura do artista, arte-educador e designer Bruno Costa é parte de uma produção que utiliza a madeira como matriz para reproduzir imagens em homenagem aos Orixás. Bruno começou sua trajetória artística de Bruno inspirado pelos desenhos de seu tio César, e desde então, utiliza técnicas como xilogravura, litografia, gravura em metal, serigrafia, desenho e pintura. Em suas obras, interpreta memórias ancestrais e retrata o povo negro em suas diversas dimensões, como a religiosa, cotidiana e afetiva.

Oyá, de Goya Lopes



Fotos: cortesia da artista

Com mais de 50 anos de trajetória, Goya Lopes consolidou uma vasta produção artística ancorada na arte têxtil. Ao longo da carreira artística e como profissional de design, a artista criou uma identidade própria sensível e sofisticada que se ancora na cultura afro-brasileira, indígena e barroca. Oyá é uma tela pintada por Goya em 2025, com base em uma serigrafia realizada pela artista no final dos anos 1990.

Dione Carlos



Cárcere: Ou Por que as mulheres viram búfalas

O espetáculo teatral Cárcere ou porque as mulheres viram búfalos foi escrito pela premiada dramaturga Dione Carlos, e foi montado junto à Companhia de Teatro Heliópolis, em 2022. O roteiro conta a história de duas irmãs que têm a vida marcada pelo encarceramento dos homens da família: primeiro, o pai; depois, o companheiro de uma; agora o filho da outra. Como resistência para enfrentar o sistema, os saberes ancestrais resistiram à barbárie e atravessaram os séculos nos corpos. Iansã, Rainha Oyá, deusa guerreira dos ventos, das tempestades e do fogo, é quem dá título ao espetáculo, uma referência às mulheres que transmutam as energias de violência e morte e reinventam realidades.

Sol, Afrika, de Brunna Alexandra



Sol, Afrika, de Brunna Alexandra (Foto: divulgação)

A obra Sol Afrika, de Brunna Alexandra, traz uma persona advinda da África pré-colonial que — como num quebra-cabeça — luta para remontar a própria história. A produção da artista visual, pintora, muralista e escritora, se dedica a unir uma técnica realista, narrativas poéticas e um olhar crítico sobre o corpo e a existência. Sol Afrika acende a luz que um dia quiseram apagar, revelando um rosto que também é múltiplo, como Iansã. O trabalho da artista integrou a exposição Búfala:Agenciamentos de Corpos Insubmissa, com curadoria de Izis de Abreu, realizada em 2024, em Canoas, no Rio Grande do Sul. A mostra contou com a participação de nove artistas residentes no estado que trouxeram olhares e questionamentos sobre o lugar das mulheres na sociedade brasileira, a partir da ideia da Búfala, de Iansã.

Iansã, de Isa do Rosário



Isa do Rosário (Foto: Museu da Pessoa de Franca/divulgação)

Iansã é uma das obras de Isa do Rosário dedicadas aos orixás em sua primeira exposição individual *Como a Terra Respira*, em exibição no Museu Afro Brasil, em São Paulo. Os bordados coloridos são característicos da produção de Rosário que é também é arte-educadora, artista plástica e contadora de histórias, com mais de 30 anos dedicados à preservação e difusão da cultura afro-brasileira..

Xangô e Iansã, de Zé Darci



Xangô e Iansã, de Zé Darci (Foto: divulgação)

Há mais de duas décadas, o artista Zé Darci, desde Pelotas no Rio Grande do Sul, pinta e desenha os orixás na sua produção artística. As obras se detêm às histórias de quilombolas, à força das mulheres negras e as narrativas dos orixás, enfatizando o passado, presente e futuro negro do sul do Brasil. Ele é reconhecido também por ser um griot, um mestre, e utiliza suas telas para contar as histórias e acontecimentos da população negra e seus cotidianos.

Tempestade de Iansã, de Inaicyra Falcão



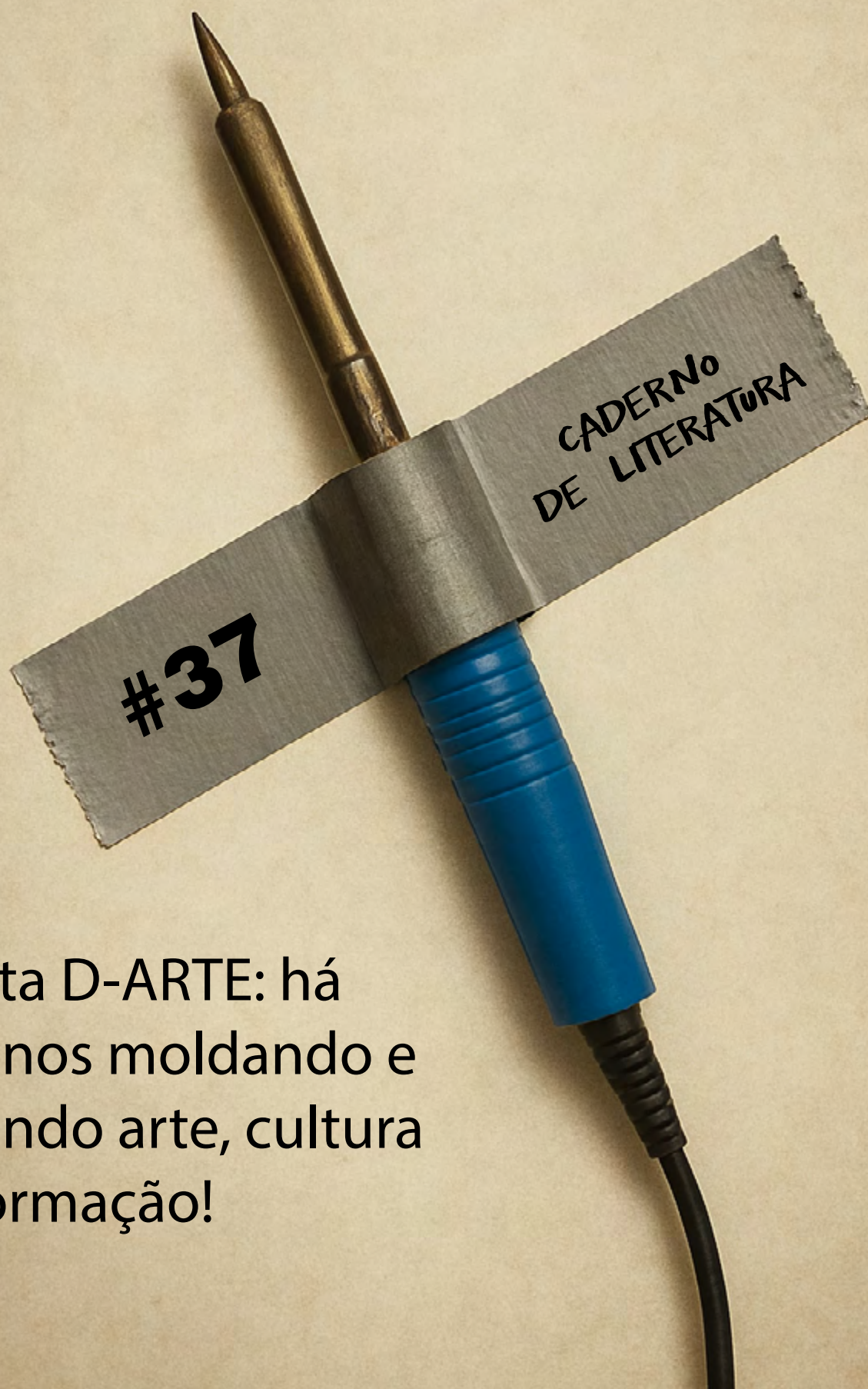
Inaicyra Falcão é cantora lírica, educadora, pesquisadora e referência em estudos sobre dança contemporânea. Na canção *Tempestade de Iansã*, uma composição de Beto Pellegrino / Pedreira Lapa, Inaicyra homenageia a senhora dos velhos: Um raio iluminou a terra / Subiram mais altas as ondas do mar / A cachoeira na mata estrondou / Lá na pedreira ouviu-se o grito de Ogodó.



Anna Ortega

Coordenadora de jornalismo do Nonada, é também artista visual. Tem especial interesse na escuta e escrita de processos artísticos, da cultura popular e da defesa dos direitos humanos.

D-ARTE



Revista D-ARTE: há
seis anos moldando e
soldando arte, cultura
e informação!

EUA: Censura e guerra cultural nas bibliotecas



<https://outraspalavras.net/direita-assanhada/eua-censura-e-guerra-cultural-nas-bibliotecas/>

Por Paula Skromov

Quem diria que seriam as bibliotecárias a defender o que resta de liberdade nos Estados Unidos? A questão, que parece retórica, é a dura realidade retratada no documentário *The Librarians* (2025), recentemente exibido sem alarde na 49ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, e aqui traduzido como *Os Bibliotecários*. O filme expõe a fratura de valores civilizatórios que assola o país e se reverbera mundo afora, a partir da censura a livros em bibliotecas — escolares e públicas.

Apesar de não ser uma obra-prima em termos de linguagem, o mérito do documentário é encarar o epicentro de uma guerra cultural que se intensificou com a volta de Donald Trump à cena política. Por meio de depoimentos, *The Librarians* revela a rotina de profissionais que enfrentaram o início dessa onda de banimento

a títulos com temáticas de gênero, raça e LGBTQIA+, incluindo clássicos da literatura americana, como toda a obra da escritora Toni Morrison, Nobel de Literatura e primeira mulher negra a receber a honraria.

A escalada da censura teve um marco em 2021, quando uma lista de centenas de títulos foi apresentada no Texas por Matt Krause, um aliado político de Ron DeSantis, governador na ocasião e que se declara inimigo da (dita) “cultura woke”. Bibliotecárias de pequenos condados, ao desafiarem a censura, foram demitidas, ameaçadas de morte e, em alguns casos, julgadas sob acusações falsas de apologia à pedofilia. Da mais ingênua à mais sagaz, todas perceberam o grave curso da fratura civilizatória em andamento.

A convicção dessas profissionais reside na base histórica de sua categoria: a conexão

das bibliotecárias com um projeto de nação, enaltecidas até mesmo em discursos oficiais do ex-presidente Dwight Eisenhower, na vigência de seus mandatos entre 1953 e 1961, como força de trabalho essencial nas Public Library Schools. O filme traz cenas de arquivo valiosas, lembrando o papel da profissão na história da nação potência por meio da universalização do livro e da leitura nas redes de bibliotecas das escolas públicas. Tudo isso em franco conflito com excertos do filme *Fahrenheit 451* (1966), de François Truffaut e baseado no romance homônimo de Ray Bradbury, e o registro audiovisual de uma sessão de censura a livro durante o macarthismo.

Uma das bibliotecárias vilipendiadas, mas que não se deixou abalar, aponta para o cerne da questão: as conexões entre o alastramento da censura e a presença crescente, e muito bem financiada, da organização ultraconservadora Moms for Liberty.

Formado majoritariamente por mulheres brancas de uma classe média empobrecida, o grupo organiza eventos coléricos em todo o país contra livros e autores que, segundo elas, fariam seus filhos se sentirem “culpados por serem brancos, héteros”, enfim. Os eventos acirram ânimos e criam justificativas “morais” para que seus adeptos ajam com desenfreada violência, questionando se a organização, que recebeu figurões como Donald Trump, antes de reeleger-se, conta apenas com a venda de camisetas de dez dólares para promover atos com milhares de pessoas.

O que o filme não aprofunda, mas a imprensa internacional e brasileira — como o jornalista Jamil Chade, correspondente nos EUA, citando a ONG PEN America — já reportou, é que a censura a livros por lá federalizou-se com a volta de Trump à presidência e, ainda no início de 2025, ultrapassou a marca de 16 mil títulos banidos. Grande parte dos livros retirados trata de questões de raça, do antirracismo, de gênero, sexualidade e das lutas LGBTQIA+, todas permeadas por uma chaga diante da qual poucos estadunidenses não capitulam: as questões de classe e as imensas desigualdades sociais que escancaram a mentira do American Way of Life.

É um erro tratar o que ocorre nos EUA como mero pitoresco. Ao se focar apenas em

enfrentamentos individuais e não mencionar entidades e instâncias que defendem liberdades democráticas, o filme tangencia o problema. A atitude pode ser um indício de como muitos relativizam a violência por terem crescido sem questionar que a própria nação se tornou potência minando democracias mundo afora.

A lição é clara: nenhuma linguagem — nem a audiovisual, nem a de programação, tampouco a documental, que diz respeito a processos de organização e recuperação de fontes de informação, que pode facilitar ou condenar ao esquecimento uma série de trabalhos e pesquisas bem fundamentados por conta, por exemplo, das palavras-chave com que são indexados — é neutra. O avanço da tirania não é percebido apenas nos regimes autoritários, mas em democracias corroídas por ações orquestradas de agrupamentos políticos que colocam sua sede de poder acima de todos os direitos fundamentados por valores civilizatórios.

“The Librarians” (2025) merece ser visto e debatido por todos os profissionais de Comunicação, Biblioteconomia e Ciência da Informação, e por qualquer pessoa comprometida com os preceitos filiados à tradição iluminista que geraram a Bill of Rights, que traz as dez primeiras emendas constitucionais dos Estados Unidos, e inspiraram a própria Declaração dos Direitos do Homem com a Revolução Francesa (1789) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). É importante destacar que a real liberdade de expressão, de pensamento e de associação já constam das cartas mais antigas e o acesso à informação estabelecido no artigo 19 desta última e igualmente reconhecido pela Constituição Federal do Brasil (1988). Afinal, as eleições presidenciais de 2026 no Brasil serão decisivas para o futuro da nossa própria democracia, e a história dos EUA serve de alerta imediato.

Paula Skromov
Radialista, pesquisadora de linguagem audiovisual, mestra em Estudos Brasileiros e graduanda de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Feira do Livro de Porto Alegre: O encanto cultural que se renova a cada visita

Por Cristian Canto

A 71ª Feira do Livro de Porto Alegre aconteceu de 31 de outubro a 16 de novembro de 2025, na Praça da Alfândega com o tema Beba desta Fonte, oferecendo 17 dias de intensa programação cultural gratuita, com público superior a 1,5 milhão de pessoas, conforme a organização.

O evento, que foi a maior feira literária ao ar livre da América Latina, já terminou, mas a próxima edição (72ª) está marcada para ocorrer de 30 de outubro a 15 de novembro de 2026.

Em um dia radiante de sol, levemente nublado, desses que fazem o Centro Histórico pulsar ainda mais, a Feira do Livro de Porto Alegre recebeu visitantes em busca de cultura, literatura e momentos de descoberta. Minha esposa e eu fizemos parte, inclusive, somos assíduos nesse evento, que transformou nossas idas anuais em um ritual afetivo, e sempre muito inspirador.

Nossa visita, é sempre certa. Não apenas pela tradição, mas pelo prazer de garimpar títulos entre saldos e promoções. Para muitos leitores, a busca pelas grandes obras é a motivação principal; para nós, porém, o verdadeiro tesouro está nos livros quase escondidos, muitas vezes escritos por

autores independentes ou ainda pouco conhecidos. Já encontrei inúmeras histórias maravilhosas dentro de livros escondidos. E é justamente essa caça às preciosidades que torna o passeio tão especial.

A Feira do Livro, que ocupa a Praça da Alfândega com bancas, aromas, conversas e um clima cultural vibrante, parece feita sob medida para leitores ávidos por novidades, aqueles que não têm pressa e deixam a literatura guiá-los. Entre o brilho do sol, o movimento do público e as surpresas que surgem a cada banca, a visita se transforma em uma experiência renovada a cada edição.

A lembrança que levamos para casa também é sempre certa: novos livros, novos autores e novas histórias que nos acompanham até a próxima edição da feira.

Tudo isso deveria inspirar todos os municípios, independentemente do tamanho ou população. O colorido das capas já serve para encantar as crianças e adultos, é uma visão diferente sobre o mundo, são temas variados, planetas, figuras e ensinamentos que surgem na leitura assim que abrimos a primeira página.

Não podemos duvidar do poder da leitura, precisamos dar mais oportunidades para que as crianças tenham mais acesso.

Não só com bibliotecas fechadas, mas com feiras abertas, com variadas opções de proximidade e com investimento dos governantes, para que no futuro seja mais facilmente disseminada a ideia da leitura.



Paixão Inefável

Tácitos olhares
se acariciam,
dialogam em silêncio,
tocando recantos
onde mãos sedentas
não chegam a tocar.

Acendem a paixão:
como Tristão e Isolda,
entrelaçando destinos,
ardendo eternamente.

No compasso do suspiro,
os corpos se encontram
em ritmos secretos,
onde o tempo se dobra
e o coração, perdido,
renasce em chamas.

No instante que flui,
tudo é entrega e vertigem,
um universo contido
num simples toque,
na cadência silenciosa
de duas almas que se amam.

Aline Bischoff



Desencantos

Na estante
já gasta pela
corrosão do tempo,
cada tapete
esconde,
em tons amarelados,
as marcas de uma
história milenar...

Nas curvas secas
dos móveis de madeira,
traças barulhentas
lançam alaridos
à breve passagem
dos anos...

Flores secas,
remanescentes de
um caso de amor
doído e maldito,
despencam em
lágrimas
sobre o aparador...

Nas paredes cinzentas,
rachaduras sangrentas,
dormem um sono profundo
e despertam sonolentas
ao alvorecer...

Lá, no recanto silencioso,
não há mais risos,
não há mais gritos pueris,
não há mais latidos
da vira-latas Ametista...

- Lá, não há mais sonhos!
Apenas brilham
as teias de aranha...
São holofotes,
são raios,
são rabiscos,
são chuviscos
de prata
em noites de
luar...

Rosangela Mariano
São Leopoldo – RS
Instagram: marihanaescritora



A MARCA DO SEU BATON



MIGUEL SIMÃO PULULU
UIGE, ANGOLA

A MARCA DO SEU BATON

Se me apontam o caminho, se o que sinto é amor, seguirei onde for.

Como pai que se despedia da filha, peguei-lhe nos ombros e numa voz enérgica, mas sumida, disse-lhe:

- Vai onde as coisas acontecem; vai viver!

Ainda tenho o cheiro do seu perfume, tenho-o retido no cofre da minha alma. Nas minhas mãos fechadas guardo conservado o seu sorriso, os pedaços do sorriso que consegui salvar daqueles que iam caindo no chão, perdidos. O seu sorriso era o nosso.

No restaurante, quando me perguntou se tinha a certeza de que ela devia partir, senti pela primeira vez três nós na garganta e a voz embarcou-se-me.

Depois de quase um minuto sem nada conseguir dizer:

-Não, não quero que vais; mas debes partir para onde as coisas acontecem. Me lembro vagamente que aquele foi o último almoço em que estivemos frente a frente, no mesmo restaurante onde tomámos o nosso primeiro jantar depois que o destino nos juntou, e, onde passara o jantar do meu aniversário.

-Vens no Natal?... Tens de vir no Natal!...

- Não sei!... - Depois de alguns minutos de silêncio olhámo-nos olhos nos olhos, mais uma e outra vez, desejei beijá-la, mas receei que guardasse recordações... ela afagou-me as mãos com o toque delicado das suas mãos e como se o dissesse pela primeira vez, enquanto olhava nos meus olhos disse:

- Virás no Natal, não virás? Tens de vir no Natal!

Ela partiu, dois dias depois do jantar, para onde as coisas acontecem.

Ainda fui acompanhá-la ao aeroporto, mas não quis vê-la a entrar no avião que ia levá-la para muito longe de mim. Nos últimos minutos, quando nos íamos separar para sempre, ela sorriu, apressei-me a recolher o seu último sorriso com o medo que caísse no chão da portela e fosse pisado e triturado como se de algo insignificante se tratasse. Claro que aquilo era o sorriso dela, o último sorriso que ela partilhava comigo.

- Tens de vir no Natal... Virás no Natal? virás?

Quando cheguei a casa, pensei ir directo à casa de banho ver o meu rosto no espelho, com receio que tivesse chorado enquanto voltava e vinha recolhendo os instantes que outrora vivemos juntos. Mas disse comigo mesmo:

- Não, um homem não chora!

Dei mil e um passos, voltas no meu quarto, voltas que foram dar sempre ao mesmo lugar. Finalmente, quando resolvi enfrentar-me no espelho, tinha na testa a marca do seu baton. Então, lembrei-me:

— Tens de vir no Natal!

Religiosamente, guardei a marca do baton que ela me deixara. Três dias e três noites não peguei nem duche, nem banho. Após três dias e três noites a marca do seu baton sumira com o calor de Julho. E como de novo se despedisse de mim, apenas ouvi a sua voz a sussurrar aos meus ouvidos.

— Não te esqueças, tens de vir no Natal...

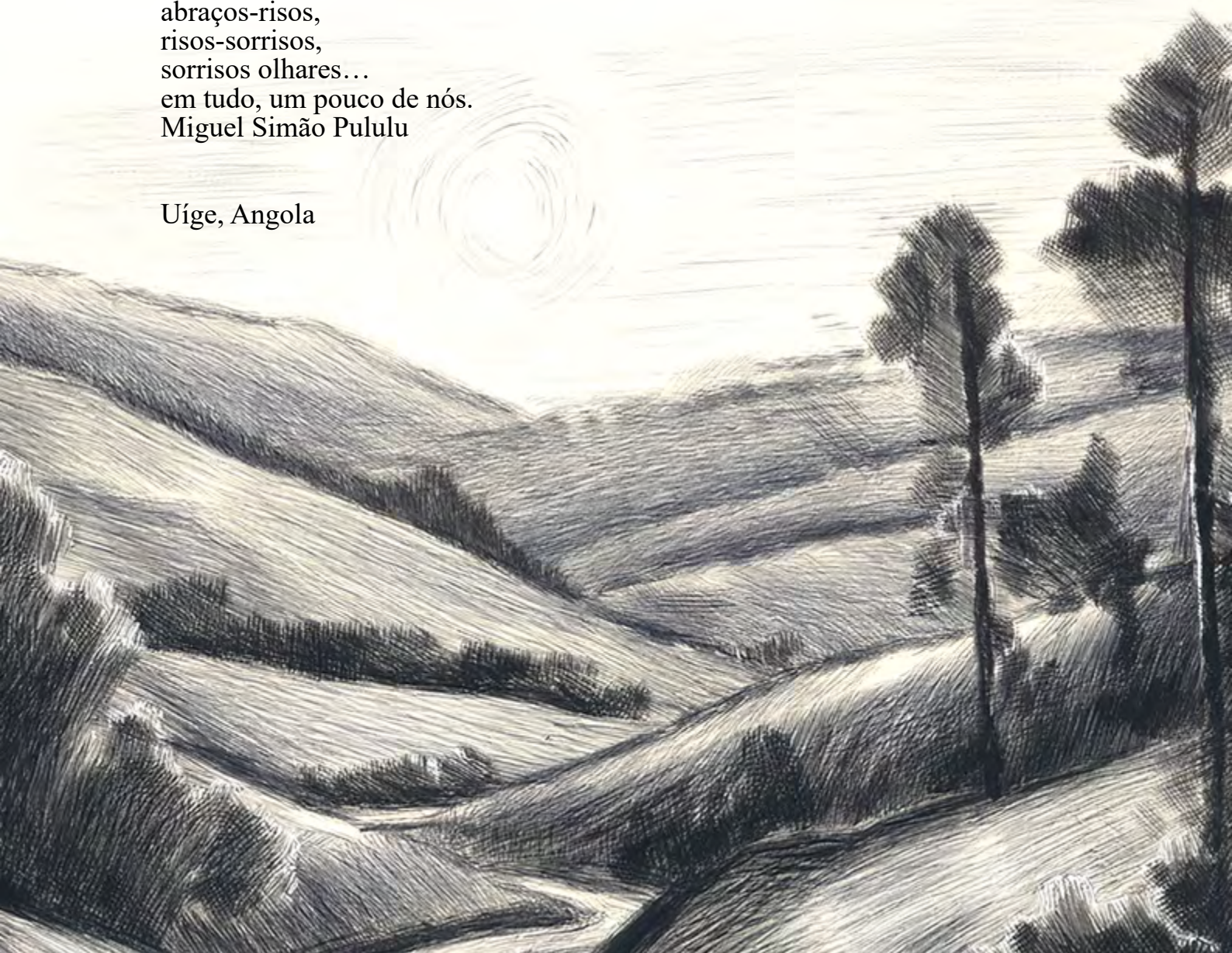
Miguel Simão Pululu
Uíge, Angola

NOSTALGIA

À Ana Mendes Bruno da Costa

um jardim, estético
em tudo que é,
um jardim verde,
azul pardo,
azul marinho,
azul celeste...
na brancura d'açucena,
no esplendor da rosa,
no perfume da violeta,
na simplicidade da bonina,
fico arrebatado...
sento-me na sombra
de bem-me-quer
ou de malmequer;
talvez no mar me quer!!!
não me importo
com o que vem na penumbra,
no ar
estrelas de cores apoteoses,
risos-beijos,
abraços-risos,
risos-sorrisos,
sorrisos olhares...
em tudo, um pouco de nós.
Miguel Simão Pululu

Uíge, Angola



ABRAÇO TEMPESTIVO

Abraça-me, enquanto a janela está aberta, a porta mal fechada e nada ainda se quebrou. Abraça-me, enquanto tenho esses olhos para te olhar, enquanto estamos pertos, enquanto ainda não posso voar. Abraça-me, enquanto protejo o que me dás, enquanto a minha alma flutua sobre a sua, enquanto essa esperança fugidia não me noucauteia, enquanto Deus me tem e o espírito ainda não me foi arrancado. Abraça-me, enquanto estamos na mesma calçada, enquanto tudo não se desfez, enquanto estou ancorado no seu coração, enquanto a calmaria antes da tempestade não cessou e o vento não me levou para longe de ti, enquanto cada toque teu está atado no meu corpo. Abraça-me, enquanto a escuridão não se fez rainha, enquanto a incerteza ainda não veio tão perdida como cego no meio de fogo cruzado e a terra gira em volta do sol. Abraça-me, enquanto estou perto, enquanto sou o teu caminho, enquanto há cumplicidade, enquanto te entrego a minha alma, enquanto sopra no deserto, enquanto faz silencio lá fora, enquanto estamos sentados no mesmo banco do jardim e toca àquela velha canção. Abraça-me, enquanto o amor não nos enlouqueceu mais e os fragmentos da razão não se dissiparam como as nuvens, enquanto ainda não estou só e abandonada, enquanto não me olhas com desdém e os restos de tudo existem. Abraça-me, enquanto o tempo para diante de nós, enquanto o tempo espera, enquanto tem um canto para se ficar, enquanto a terra é um lugar a salvo, enquanto o sol não queima os humanos qual grão de café no torrador.

Abraça-me, enquanto tento preencher esse vazio cavernoso na alma, enquanto não achei os pulmões de fumaça. Abraça-me, enquanto sinto o teu braço, enquanto os reflexos da lua pincelam o meu rosto, enquanto os dias são nossos, enquanto só sonhas andar comigo, enquanto não me arrancaste esse anel de robô que me deste ajoelhado sob o viaduto e o casamento ainda não nos fez inimigos. Abraça-me agora, enquanto a noite começa a brilhar, enquanto a chuva cai devagar, enquanto há silencio na rua, enquanto ouve-se o mar. Abraça-me, enquanto não me perdi, enquanto os ventos da vida não me esparramaram, enquanto a água toca o meu rosto, enquanto o escuro não voltou e o meu corpo ainda quente está. Abraça-me bem forte, enquanto me podes tocar, enquanto aqueço o meu corpo com o teu olhar chamejante, enquanto sentes as batidas do meu jovem e obstinado coração. Abraça-me bem, enquanto a desgraça não nos alcançou, enquanto tem companhia, enquanto a rua está deserta e a ponte ainda não foi partida. Abraça-me o mais forte que conseguir enquanto não me encontrei, enquanto ainda não parei na próxima estação, enquanto sinto o ar na cara, enquanto não me afoguei nas dúvidas, enquanto pode se sonhar, enquanto a esperança não acabou como a água no poço. Abraça-me, enquanto olho a lua e Deus tem os que mais ama, enquanto o destino não peita à vontade, enquanto olho para ti como o pôr do sol na roça, enquanto durmo no teu abraço e tudo cintila, enquanto sorrio para ti como uma rosa desabrochada. Abraça-me agora, enquanto o homem ainda não habitou Marte, enquanto me decido. Abraça-me com a força de Sansão, enquanto os meus olhos se fecham como anda à lesma. “Foi isso que ela disse, antes de partir”.

Fernando Manuel Bunga
Uíge, Angola

A Textura da Mata

Sinto a textura
do úmido aroma
de folhas caídas
sobre a passagem da trilha.

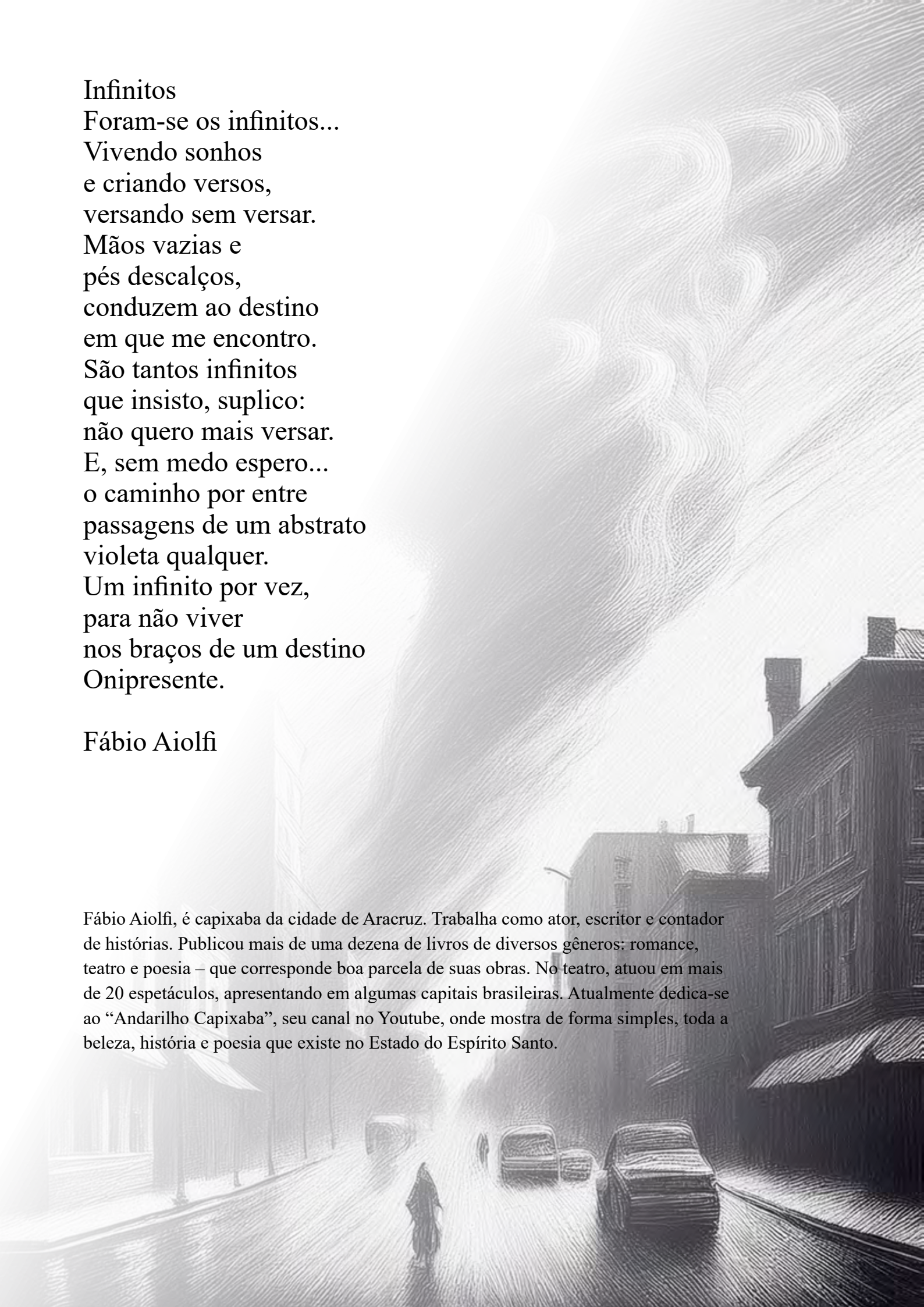
Canto dos pássaros
curiosos e sedutores
que olham nos olhos
antes de voarem.

As cores... quantas cores!
Texturas impensadas
de uma Natureza presente.

Frescor da mata
sensível ao ponto de me tocar.
Água que jorra
no chão das raízes
e de folhas caídas.

Onde Sol, onde Lua, onde chuva
onde vento, venta!

Fábio Aiolfi



Infinitos
Foram-se os infinitos...
Vivendo sonhos
e criando versos,
versando sem versar.
Mãos vazias e
pés descalços,
conduzem ao destino
em que me encontro.
São tantos infinitos
que insisto, suplico:
não quero mais versar.
E, sem medo espero...
o caminho por entre
passagens de um abstrato
violeta qualquer.
Um infinito por vez,
para não viver
nos braços de um destino
Onipresente.

Fábio Aiolfi

Fábio Aiolfi, é capixaba da cidade de Aracruz. Trabalha como ator, escritor e contador de histórias. Publicou mais de uma dezena de livros de diversos gêneros: romance, teatro e poesia – que corresponde boa parcela de suas obras. No teatro, atuou em mais de 20 espetáculos, apresentando em algumas capitais brasileiras. Atualmente dedica-se ao “Andarilho Capixaba”, seu canal no Youtube, onde mostra de forma simples, toda a beleza, história e poesia que existe no Estado do Espírito Santo.

Costa Esmeralda



Naquela manhã ensolarada o que parecia um dia comum tornou-se inimaginável, logo que acordou Brenda sentiu o calor e a luz invadir seu quarto, a cortina fina e transparente deixou transpassar toda a luminosidade daquele alvorecer, a jovem estava eufórica para seu primeiro dia de praia, porque ao chegar no dia anterior não pôde aproveitar, pois já era noite, Brenda e Ana foram dormir fazendo mil planos, o que de certa forma tornou a viagem mais mágica, amanhecendo num lugar novo, diferente, litorâneo, novas sensações e muita expectativa; era a famosa Costa Esmeralda do litoral Catarinense e era a segunda vez que Brenda viajava sem seus pais, a primeira foi na formatura do nono ano e agora ela estava na casa da amiga junto da família de Ana. As duas eram amigas há mais de 5 anos e a alegria de estarem juntas era sempre a mesma, constante, confiável e segura, não brigavam entre si e combinavam em muitas coisas, era a companhia perfeita para a semana de praia. As férias de dezembro eram as mais esperadas pelas duas, que mesmo distantes nos anos anteriores buscavam se falar quase todos os dias. Mas desta vez era diferente, a viagem de fim de ano era com as duas amigas juntinhas e o mundo se abriu, a independência de Brenda e sua maturidade nunca foram testadas desta forma, mas ao lado da amiga ela se viu capaz, de ser feliz, de ser responsável pelas suas próprias necessidades e felicidade. E assim depois de irem a praia, pertinho da casa, a pé, com os pés na areia e a natureza exuberante, as meninas seguiram pela trilha da Tainha, a experiência foi única, de beleza natural admirável. Depois deste caminho até a praia que fica no fim da trilha elas decidiram retornar para mais tarde visitarem parte da Costa Esmeralda.

Assim que repuseram suas energias as amigas junto da família seguiram rumo às praias de areias claras e animais livres no mar, muitos golfinhos foram avistados, baleias, tartarugas, dentre outros animais da fauna marinha, o calor estava intenso, o dia ia passando e a mágica acontecendo, as meninas se surpreendiam a cada parada, praia de Bombinhas, Mariscal, Porto Belo, praia da Sepultura, onde viram uma variedade imensa de animais marinhos e passearam de barco vislumbrando a imensidão azul da costa Esmeralda, dentre outras belas e inesquecíveis praias. Em um dia seus sentidos vivenciaram muito mais do que seria possível em muito tempo na cidade onde moravam, o interior do estado vizinho, que carregava consigo a tradição e a natureza de montanhas, sem mar, com seus corações prontos para esta aventura as meninas viveram e apreciaram tudo o que era possível e na volta trouxeram emoções e sentimentos que guardavam daquela viagem para sempre e suas almas entrelaçadas por esta amizade verdadeira enriqueceram, evoluíram, e as meninas ficaram ainda mais amigas e aguardavam ansiosas a próxima viagem que certamente tornava a magia de viver uma experiência mais divertida. A viagem acabou, porém tudo que viveram ficou guardado em seus corações.

Silvane Silveira Fernandes
@silvanesilfernandes

Viver aqui...
Meu Paraná!

Nosso povo, nossas raízes
Nossa terra rica e abençoada
Nossas árvores, nossas aves

Entre rochas e ventos, formas
Esculturas, molduras no tempo
Tradição de gerações, sabores

Lagos e rios fluindo e nutrindo
Peixes em abundância surgindo
Terras férteis, beleza verdejante

Florestas de Araucárias, Imbuía,
Ipês, Mata Atlântica e Cerrado;
Arrebal de cores deslumbrante

Paisagens e roteiros do Paraná
Cidade das pedras, Vila Velha
Seu lugar é aqui lobo-guará!

Campos de flores e girassóis
Cachoeiras, cultura, riquezas
Cataratas do Iguaçu, natureza!

Gralha-azul símbolo do Paraná
Em seu voo liberdade, céu no ar
Capivara amiga, lagos, rios e mar

Animais e aves juntos, nosso lar
Londrina, polo econômico e cultural
“Terra roxa” que nutre, puro admirar

Paranavaí, cidade da poesia
Diversidade e biodiversidade
Com tanta natureza sinestesia

Em cada canto um cidadão
Orgulho da vida e da nação...
O paranaense traz no coração!

FÉ
O invisível crer

Além do firmamento a força nos guia
Não preciso procurar, ela está em todo lugar
Na crença de que somos mais do que vemos

Sinto-a no canto das aves acalmando meu sonhar
Ela está na beleza da natureza, em todos os animais
Sigo o caminho da fé e não me perco jamais

Vejo-a em cada emoção, na minh'alma, na união
Sinto a fé no conhecimento, na dúvida e na razão
Na comunhão onde a fé invade meu coração.

Receita de um dia feliz

No pomar do amor,
colher um punhado de flor
Numa braçada de afeto e carinho

— ramos de empatia; juntar uma pitada de aventura,
colheres de diversão e alguns sentimentos soltos de
entusiasmo. Mexer a vida com cuidado, em movimento
terno, dar valor à amizade, gestos de bondade e pura caridade.

Levar a vida como ondas do oceano...
E, então, esperar a magia acontecer, como num
passe de mágica ver o bolo crescer e fazer o dia
mais feliz em cada amanhecer, neste novo viver.

Minibiografia

Silvane Silveira Fernandes, paranaense, escritora e advogada, pós-graduada pela Escola da Magistratura do Paraná (EMAP). Casada e mãe. Com cinco livros publicados: Um romance em Marselha, 2024 (Editora Proverbo – Maricá/RJ); Sauí, o mico-leão-dourado, 2025 e A casa do João-de-Barro, 2025 – Editora Frutificando – Rio de Janeiro; Luminar – Amálgama Essência, 2025 (Vinca Literária Editora – Rio de Janeiro); Poética Letra – Poemas e Versos, 2025 (Curitiba/PR). Seus poemas e contos foram publicados em antologias e revistas literárias no Brasil e Portugal.

Moacyr Medri

O Dia em que Deixei Mohammed a Ver Navios

Nem sempre as palavras dão conta do que a alma tenta dizer. Às vezes são poucas, às vezes tímidas, às vezes tremem como quem teme o próprio eco. Sento-me diante do computador, escrevo, apago, recomeço — como quem revolve uma terra antiga em busca da semente certa. É uma luta corpo a corpo com a linguagem, um duelo íntimo entre o que sinto e o que consigo nomear.

Quero escrever uma crônica, um capítulo, um fiapo de vida que ainda pulsa em algum canto da lembrança. Mas, quando o vocabulário mingua, o texto corre o risco de virar burocracia — e texto sem alma é como roupa sem costura: cai do corpo e não veste ninguém.

E eu não quero escrever como máquina. Quero escrever com tato de pele. Com as luzes e sombras que ainda moram no cheiro do tempo. Descrever o sabor do mel é impossível — podemos falar da cor, do brilho, mas não do gosto, que é sempre íntimo. Assim também são os desejos: difíceis de serem descritos porque as palavras não dão conta de acompanhar o coração.

Num desses desejos — lembro-me bem — era tempo de bolsos vazios. Antes de qualquer compra, a gente media o tamanho da despesa para ver se o dinheiro dava. Eu queria uma calça nova, um par de sapatos, uma camisa que não denunciasse o ano anterior, o uso cansado, o desbotado das manhãs de trabalho.

Era dezembro — e dezembro, para quem vivia de salário curto, era quase um território mágico: mês em que o décimo terceiro descia como promessa. Não era milagre grande, mas era milagre suficiente.

Eu pegava o ônibus para a cidade com o bolso magro e o sonho gordo. Uma calça Lee, quem sabe. Ou, se o destino sorrisse, um veludo cotelê azul-marinho, desses que brilhavam nas vitrines como se fossem feitos de noite estrelada. O ônibus sacolejava pela estrada poeirenta, mas dentro de mim tudo era festa — a antecipação tem cheiro próprio, mistura de esperança com medo de frustração.

A cidade, naquele tempo, parecia outro país. As vitrines tinham luzes que não existiam na roça; os manequins, postura que ninguém lá de casa tinha; e as calças... ah, as calças pareciam feitas para homens nascidos em berço limpo, com sapatos engraxados desde o berçário.

E lá estava ele: o turco Mohammed, plantado atrás do balcão como guardião de sonhos alheios. Entrar na loja dele era como entrar num templo — não um templo sagrado, mas um templo de tentações. Ele me recebia com um sorriso que mais parecia cálculo: um olho no tecido, outro no meu bolso imaginário. Sabia que dezembro inflamava desejos, mas também sabia que desejos, em mim, quase nunca viravam venda.

Eu passava a mão no veludo com o cuidado de quem toca o impossível. Ele falava de importação, de tecido egípcio, de corte italiano — e eu voltava para casa com a

mesma calça de brim marrom surrada e a alma um pouco mais puída que na ida. Mas naquele ano... naquele ano algo mudou. Foi naquele dezembro, de cheiro de rabanada no ar, que resolvi deixar Mohammed a ver navios.

Desci do ônibus e segui direto para as Casas Pernambucanas. Pedi atendimento. E lá veio Ofélia, colega do ginásio, balconista, sorridente como fosse a dona das chaves das araras. Expliquei o que buscava. Ela me puxou pelo braço:

— Olha esse cotelê! Sente a textura! É da melhor qualidade! Veio de Americana, aquela cidade têxtil do Estado de São Paulo — disse com orgulho.

Respondi que o do Mohammed parecia mais macio. Que o turco dizia ser importado do Egito.

Ofélia riu com a boca e com os olhos:

— Ele fala isso pra todo mundo! Compre tudo aqui e manda a dona Esmeralda costurar. Mora pra baixo da linha, ali na estrada do Barreirão. A maioria das calças da loja dele é feita por ela. Pode levar sem medo.

Eu ri.

— Que nada, Ofélia. Minha mãe é costureira.

Comprei o tecido. Voltei para casa com o coração estufado. Mamãe passou o dia lidando: cortou, alinhavou, passou o ferro — e no dia seguinte lá estava eu, com uma calça cotelê azul-marinho que parecia saída de catálogo: elegante, firme, linda.

Quando entrei no colégio, senti-me um príncipe. E as meninas que fingiam não me ver... ah, essas olharam. Olharam bonito. O suficiente para eu responder, quietinho, por dentro: agora não quero.

Uma semana depois, passei na loja do turco. Ele me olhou de baixo para cima, como quem avalia gado — primeiro os pés, depois as pernas, depois o corpo. Só no fim alcançou meu rosto:

— Brimo sumiu esse final de ano...

Desci os olhos e vi, sobre o balcão, uma pilha de calças de veludo cotelê. Passei a mão. Duas tinham exatamente a cor da minha.

— Leva uma — ofereceu-me com olhar generoso. — Faço bom breço. Chegou ontem de São Paulo. Se levar uma, ganha um bar de meias...

Segurei o riso, mas a gargalhada escapou. Ele estreitou os olhos.

— Brimo ri do quê?

— De nada... é que achei que a dona Esmeralda ainda morava aqui em Ibiporã. Ali no Barreirão. Ela é mãe do Cícero, meu colega de turma.

Os olhos dele se arregalaram como quem acaba de descobrir que o tecido da fantasia sempre começa no mesmo novelo.

Desejei-lhe um feliz ano novo e saí, leve como quem termina uma travessia.

Porque há mentiras de pernas longas. Há outras de pernas curtas.

Mas existem também as mentiras de duas pernas — essas que andam pela cidade vestidas de importação, quando, no fundo, carregam o toque silencioso de uma costureira urbana chamada dona Esmeralda. Ou de uma rural, uma da roça — dona Augusta.

FÊNIX

Flores brotam, crescem e nasce um jardim, subsistem às intempéries, à solidão e ao descaso, permanecem exultantes e radiantes, felizes, enfim. Com fé e esperança a tristeza vai embora e fica a sublimação, olhar para o horizonte e amor no coração.



A photograph of three vibrant red roses with green stems and leaves, arranged in a simple white ceramic vase. The background is a solid, deep blue. The roses are in various stages of bloom, with one being the most open and prominent in the center.

BASTAVA PEDIR

DIAS CAMPOS

Quando Patrícia contava oito anos de idade, seu desenho de TV favorito era interrompido por uma propaganda em que um idoso muito simpático presenteava a esposa com uma linda rosa vermelha. Essa cena, agradável aos olhos, corriqueira entre os que se gostam, deitou no coração infantil a semente de um desejo – ganharia do seu príncipe encantado a mais linda das rosas.

O príncipe havia, se bem que o eleito da escolinha ainda não se desse conta. Assim, os únicos presentes que Patrícia ganhava, e sempre à base de trocas, eram as famosas figurinhas colecionáveis, o que, convenhamos, ficavam muito aquém da sonhada doçura que aquela flor representava.

Mas por que a princesa não era franca e, com todas as letras, pedia uma rosa ao seu escolhido? Os mais apressados apostariam na timidez. A realidade, contudo, era bem outra, e muito mais triste: seu orgulho já se fazia mostrar ao mundo. Para si, portanto, ter que pedir que lhe dessem uma simples rosa era algo impensável, insuportável, e que jamais aconteceria.

A vida, entretanto, apercebendo-se de sua arrogância, resolveu pagar para ver. E as forças da natureza reuniram-se, maquinaram, e dia a dia impediram que Patrícia ganhasse, fosse de quem fosse, a tão desejada rosa. Ela teria que compreender que o pedir não machuca.

No entanto, ó paradoxo, isso só fez aumentar o seu orgulho.

Um fato marcante agravou o psiquismo de Patrícia: pode parecer romanesco, mas não é incomum que um

pai amantíssimo queira ofertar uma rosa à sua filha quando vem a saber que se tornou mulher; a vinda da fertilidade pode ser motivo de grande alegria.

Patrícia soube dessa intenção por sua mãe, e ficou radiante. Afinal, ganharia a primeira rosa de sua vida, sem que, para isso, tivesse que se rebaixar.

O destino, porém, que se mantinha resoluto, acercou-se de seu Armando de todas as maneiras, e uma vergonha intransponível tomou conta do seu espírito. E a ideia foi abandonada.

Às vésperas de debutar, Patrícia já experimentava o vulcão do primeiro amor; em que pese às escondidas de seu pai. Idealizava o baile, as desafiantes valsas, e as rosas que ganharia do seu namorado assim que se vissem.

Nesse meio tempo, soube que seu Armando lhe comprara uma linda gargantilha de diamantes, e ficou deslumbrada.

A joia e o baile vieram; as flores, não.

E ninguém conseguiu compreender por que Patrícia ficou bastante amuada.

A maturidade chegou. E com ela, o casamento; não o próprio, mas o de uma grande amiga.

Patrícia estava eufórica, pois além de ter sido convidada para madrinha, Tatiana confessou-lhe que o buquê que escolhera fora confeccionado com as mais lindas rosas brancas. E sentenciou:

- Desta vez não tem para ninguém!

Ora, pensava consigo, mataria dos coelhos com uma só cajadada, pois receberia rosas de alguém, e, de quebra, seria a próxima a casar. Por isso, caprichou no longo, cobriu-se de adereços, e foi à festa com a certeza dos que anteveem a vitória.

Não faltaram olhares cobiçosos para Patrícia, linda que estava. E no vaivém das apresentações, um advogado conseguiu prender-lhe a atenção.

Fábio soube muito bem como se aproximar e cativar a desejada madrinha.

E Patrícia flutuava!... Ao que parecia, ela enfim conhecia a sua cara-metade.

De vez em quando, porém, a moça notava um estranho comportamento no admirador. Mas Fábio foi logo esclarecendo:

- Não é nada, quero dizer, nada com que você deva se preocupar. É que sou alérgico a rosas, e a decoração da mesa está me fazendo, me fazendo... – e um espirro estrepitoso foi a conclusão da explicação – Mas já estou me tratando há um bom tempo, e tudo indica que ficarei curado.

Essa afirmação acalmou Patrícia. E de tranquila passou a ansiosa tão logo a noiva lhe sussurrou que já sabia quem pegaria o buquê.

Com efeito, depois que Tatiana, com mais de um olhar insinuante, certificou-se da direção em que deveria jogar as rosas, estas voaram certas rumo às mãos da felizarda.

O problema foi aquela tia extrovertida, alcoolizada e corpulenta que resolveu chutar a viuvez e medir forças com a pobre da sobrinha...

O namoro com Fábio não foi longo. Depois de um mês, e de infindáveis espirros, Patrícia resolveu terminar o relacionamento.

Pouco tempo depois, conheceu quem seria o seu verdadeiro amor, um arquiteto muito bem sucedido.

Foi pedida em casamento na noite do réveillon, e aceitou radiante.

Agora, concluía, seria impossível que a vida a brindasse com filhos, mas lhe negasse as flores que anelava!

Casou-se no mês das noivas. Mas porque se recusasse a pedir rosas, a confecção do seu buquê coube à profissional responsável pela decoração, que jurou serem os copos-de-leite a última moda.

Os filhos vieram. Era um casal lindo e saudável.

Desta feita, planejava Patrícia, se não abrisse mão de dar à bebê o nome de Rosa, talvez o seu marido se tocasse e a presentearse com as flores que por décadas suspirava.

No entanto, Carlos, que ficara deslumbrado por ter podido escolher o nome do seu futuro varão, limitou-se a um beijo afetuoso, acrescido de uma caixa de bombons de cereja.

Na realidade, ele tinha percebido aquela dica. Mas o ódio pelas rosas falou mais alto. É que sua mãe lhe revelara, ainda no leito de morte, que seu pai tinha o hábito de distribuí-las às amantes.

O tempo passou ligeiro. O filho cresceu, casou-se, e o primeiro neto chegou. E toda vez que Patrícia ia visitá-lo, aparecia com o coração oprimido, pois geralmente era obrigada a apreciar, no centro da sala de estar, um lindo vaso de cristal caprichosamente adornado com rosas amarelas, as preferidas de sua nora.

Mas foi quando sua filha engravidou que Patrícia finalmente se convenceu de que jamais ganharia uma única rosa, uma vez que o seu orgulho sempre se imporia.

Enganava-se...

Ela faleceria dias após sua filha dar a luz. E à medida que o caixão baixava, todos lhe ofereciam dezenas de rosas.

Artista de Pontal lança “Vísceras de um Artista em Crise”



Darlan Ferreira

Nascido e criado em Pontal (SP), Região Metropolitana de Ribeirão Preto, o escritor, fotógrafo e ator Darlan Ferreira sempre encontrou na arte uma forma de enxergar o mundo com profundidade. “Sempre olhei para as coisas com a certeza de que, se procurasse bem, encontraria algo”, lembra. O primeiro palco foi a escola e a igreja, onde descobriu o teatro ainda criança. Mais tarde, a fotografia artística e performática ampliou seu entendimento sobre presença e encenação, tornando-se uma nova morada criativa.

Paralelamente, a escrita nunca o deixou. Ele ainda guarda histórias, romances e textos da época da escola — aqueles que circulavam de “carteira em carteira” e alimentavam um imaginário que só anos depois encontraria forma definitiva.

A trajetória, no entanto, foi interrompida. Darlan se afastou completamente da arte por dois anos, dedicando-se ao trabalho diário e às horas extras como ajudante de pedreiro. O ritmo intenso e a rotina exaustiva acabaram distanciando-o de qualquer processo criativo, até que um episódio simples reacendeu o que havia sido silenciado.

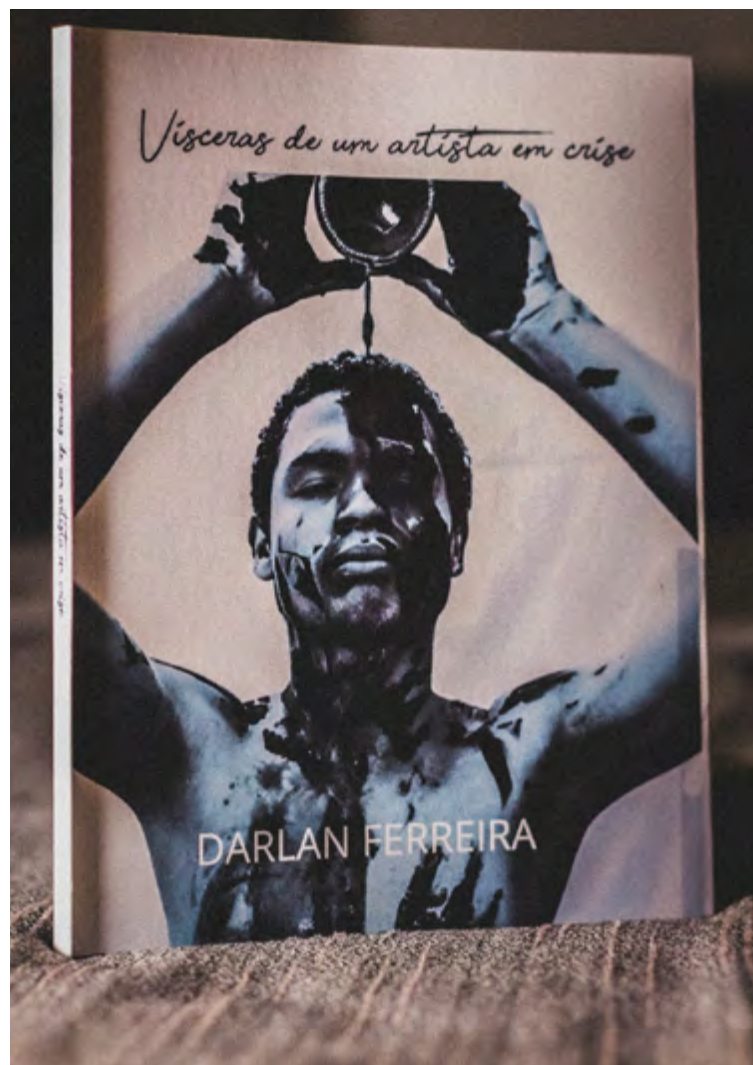
“Ao encontrar um quadro na gaveta do meu guarda-roupa, decidi que era hora de realizar um sonho antigo”, conta. O gesto, quase cotidiano, funcionou como ponto de retorno: havia algo ali que insistia em não desaparecer.

Desse reencontro nasceu “Vísceras de um Artista em Crise”, seu primeiro livro, lançado de maneira independente. A obra apresenta a jornada de um artista que, desde o início, admite estar perdido — e mesmo assim escolhe continuar. Darlan descreve cada página como “uma sala de galeria: ainda que com apenas uma obra, ela preenche todo

o espaço”, evidenciando o caráter poético e teatral da narrativa. O livro também dialoga com uma obra visual homônima, reforçando a natureza multidisciplinar de seu processo criativo.

O lançamento realizado em Pontal marcou não apenas a estreia de um autor, mas a retomada de um caminho que por anos esteve suspenso. “Estou muito orgulhoso do trabalho que construí e agora o trabalho é espalhar essa obra”, afirma.

Ao buscar espaço para divulgar sua trajetória, Darlan acredita que seu caminho possa dialogar com outros jovens artistas da região. Para ele, compartilhar esse processo pode fortalecer quem também sonha em criar, mas nem sempre encontra estímulo. Sua história — feita de pausas, retomadas e reencontros — mostra que a arte, mesmo quando adormece, continua procurando quem a criou.



Ainda que minhas
visceras não estejam
funcionando bem,
estarei disposto a
seguir em frente,
olhando para o
mundo de uma
forma poética.

Sou um artista e
busco sempre ouvir
meu coração, ainda
que isso cause
ruidos.

Mesmo em crise,
gosto da arte que
surge após uma
noite de insônia,
porque, depois, sei
que posso descansar
em paz, pois fiz algo
pertinente ao mundo.











FRESCOR

Causa-me um frescor inabalável
A percepção do fortalecimento dos ciclos
Inevitáveis...
Por vezes, paralisantes em suas hipóteses
Que não devem ser “canceladas”
Pelo simples fato de não solicitarem a licença
Transparente ou combinada!

Causa-me um frescor
Somente um frescor...
Assegurar-me o direito de ressignificar a vivência
Sem ter receio de lançar-me à brisa
Que também não pede permissão
Para invadir qualquer espaço ou questão
Pois, a sua singeleza faz o mundo vibrar!

Karine Dias Oliveira
Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Lágrimas
Choro fácil
um filme triste
um final de novela
um drama bem ensaiado
uma música brega
um documentário
Notícias de catástrofe
que tocam distante
mas pesam
As lágrimas caem
rápidas, automáticas
como se seguissem
um roteiro já escrito
como se o coração já soubesse
o que fazer
Mas não
Eu não me engano
Não confundo as cenas
não confundo a fachada
não é isso
Não confundo
essas manifestações falsas do coração
com as lágrimas verdadeiras
Estas parecem fluir sem motivo
Não pedem licença

não têm razão
não precisam de gatilhos
nem de histórias premeditadas
Elas vêm de um lugar
escuro
secreto
um canto que eu sequer conheço
Sem aviso
Sem motivo
Simplesmente surgem
puras
como um transbordamento
que não cabe mais em mim
como se o que sou
precisasse encontrar
novamente o seu
lugar no mundo

Herman Augusto Schmitz



Herman Augusto Schmitz

é natural de Curitiba e reside em Londrina desde os anos 1990, onde vem atuando como escritor, produtor e artista gráfico no cenário artístico e cultural. Participa do projeto "Um Dedo de Prosa"; desde o início. Foi contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária com o projeto "Poesia in Concert"; Publicou os livros: "Os Maracujás"; de poesia, a coletânea "Terrassol"; e "O Clone de Si Mesmo e outros contos breves"; de Ficção científica e "BJ Grafados", antologia de trechos curiosos da literatura mundial. Academicamente é Mestre em Letras - Estudos literários, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Ganhador do prêmio Memorial de Vivências, da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, na categoria "Vivência literária"; em 2022. Está preparando seu novo livro "Órbita Quântica"; uma coleção de poemas de Ficção científica. Pesquisador em quadrinhos, em música, em culinária e literatura e na produção de imagens por Inteligência artificial.

Se forem
Quero o vazio
Quando pagares
Que pague bem
Meu bem

As águas de ontem estão longe
Nem o rio se lembra mais
Mal ou bem
Se foram

Aquela sombra
Foi desenhada a tempos
O artista já está morto
Mas, na memória
Há sombra

O vento sopra forte
Nem o pó é mais pó
Se concretizou na vidraça dos edifícios
Nem pó
Nem vidro

Já que tens que pagar
Que pagues

Mas não apagará nunca
Pois meu lábio, está colado em ti
Nem eu me lembro
Nem você se esforça mais
Também não lembras

O fogo
Continua aceso
Vejo a luz de cima da ponte
Há neblina
Em volta, várias silhuetas
Não!
Daqui não consigo entender quem é quem

Vago
Vagão vago
Vazio
Trem, metrô vazio
Uma moeda qualquer
Eu, você e o som dos trilhos na meia noite vazia

Um dinheiro qualquer
E lembranças, tortuosas lembranças
De uma futura

Mulher
Mãe
Amante
Meretriz
Putá
Prostituta
Nada fácil

Uma mulher
Que esqueceu o valor
Que um dia se deu.

Poesia Wilson lirio
Nome: QUEM ME DERA QUALQUER VALOR
18/11/2025
18:41

Mentira!
Não vivo só!
Não sei, não consigo...

À tempos luto
Não nasci assim
Vocês, mesmo que não saibam,
Me criaram assim

Tento
Mudo
Forço e até por alguns dias
Com um pouco de força consigo mas...

As fotos
As quedas
Risadas
Rancores
Orgulho
Minha falta de vaidade ou até o excesso dela

Sou fraco?
Carente?
Podem falar o quê quiserem
Mas, sou assim

Despido de vergonha
Talvez um pouco de inocência
Sou bobó
e bastante romantico
Mas, não sou só

Vivo o hoje
Mas, me alimento da mesmas madrugadas do passado

Espero por ti
Algo assim
Que me inspira tanto assim
Talvez, não penso mais em ti
Mas, sou eu me enganando
Tentando ser, de novo, algo que não sou e talvez, nunca
serei

Então, volto
Olho as fotos
Escuto as músicas
E o que vem?
Só momentos
Por quê?
Não sei ser só
E também não quero ser
Só.

Poesias Wilson lirio

Nome: Meus tempos
Minha cara meu jeito.

01-11-2025
11:57 horas

É Como se a estrutura
Fosse só barranco

Se não fosse o rico a paisana e o pobre aos berros, tentando um vômito sem sucesso
Cavalgando em seu cavalo sem pata alguma e ainda assim diz quê, sonhar é bom

Enquanto o Farias
Engorda tomando gasolina
O pobre só tenta entender o quê aconteceu lá na casa dos gravatas

Não te interessa
Não é problema seu
Não é problema seu
Mania essa de pobre querer tudo, saber de tudo!

Abestado
Calado
Onesto
Embriagado

E o cortiço
Fosse o último
E o bueiro
Fosse
Escasso
Perto
Do fundo
Perto do princípio
Raso, acumulado
por ideias
Medíocres, mas ideias

Mas que quê é isso?
Os últimos
Só serão os últimos
E a sangeta
é para quem sabe
Viver
Viver de quê?

Porquê
Humildade
Não é superação
Vai morrer superando

Trabalho
Não é emprego
E tão pobre
é o tão sábio
Na moradia do calado

Só existe
O silêncio

Perturbando
O cavalo
Que, de tão cansado
Não sente mais que está com sede
Então sede-se ao esculacho

Viveu naquela rua
Porquê só tinha uma...

Era seu melhor amigo Porquê não tinha ninguém
Vivia só
Porquê
Ninguém te conhecia

Pedras e pedradas
Não é aprendizado
Porrada é só porrada

No mundo dos covardes
O pecado
É só mais um nome
E a maldição, é só um elogio

E o seu endereço não interessa à ninguém

E o trabalhador
Morreu
Só porque estava trabalhando

Viveu na merda
Como se fosse
Obrigado
Matou a própria mãe
Porquê não queria ovo

Sacudio a empregada
Porquê a danada da mulé nem dono tinha

E fez o quê fez
Em nome do pai.

Poesias Wilson lirio

Nome: Pode chefe, pode?

11-12-2025.
14:15

Fecho os olhos. Desligo o coração e os pulmões.
A espessura do vento e a calma de um sorriso
Percorrem o meu corpo como silêncios antigos.
Já não sou! sem luz deixei de existir.

Este sonho persegue-me e tenta-me.

Um dia farei parte do universo de onde vim. Até lá
Assisto com ternura às tentativas de me fazerem outro.
Sou apenas um tronco de árvores velha correndo
Nas águas tumultuosas de uma enxurrada.

Resisto!

Este sonho assusta-me e mata-me.

Mas, com ele faço forças para me erguer e continuar
Porque no sótão das minhas nuvens encontro o saber
A lição e a memória de onde surgi, pai e mãe. Desejo, Vontade!

Carlos Arinto



NATAL inesquecível

Evandro Valentim de Melo

Complicadíssima a gestação, o fantasma do aborto assustava. Na décima quarta semana uma cerclagem uterina foi imperativa. Idem para o repouso absoluto. — O final feliz depende mais de vocês do que de mim, Fátima. A prioridade é a gestação. — Orientou o obstetra.

A vida do casal se transformou. O centro das atenções, ações e pensamentos passou a ser aquela pequena criaturinha em formação.

Mar tempestuoso em constante ameaça à nau e a seu mais frágil passageiro. Borrascas com ondas gigantescas exigiram empenho máximo dos tripulantes.

Sete

meses ininterruptos de tormenta, mas, ao final, aportaram. Sobreviveram à extenuante

travessia.

A notícia de que mãe e filho passavam bem, fez parecer que o pai é que havia levado um forte tapa na bunda, Emílio chorou qual criança de quem se furta um pirulito.

Fátima não mais poderia engravidar. Como que para justificar um dos significados de seu nome, “rei do lar”, Henrique foi cercado de carinho e proteção, desde o primeiro dia de vida fora da barriga da mãe.

A vida não convida, convoca. Era chegado o momento de Fátima retornar ao trabalho e, com ele, o primeiro dia de creche de Henrique. Natural a apreensão. Enquanto Fátima se desmanchava em lágrimas, desejosa de não se separar do filho,

Emílio se fez de forte, afinal, homem não chora. Exceto quando o filho nasce ou quando

algum cisco lhe cai nos olhos, o que, coincidentemente, ocorreu naquela manhã.

Tanto de Fátima, quanto de Emílio, não raro, o trabalho exigia viagens.

Felizmente, as datas não coincidiam. Assim, Henrique estava sempre acompanhado de

um ou outro ou de ambos.

Como nos ensina certo ditado popular, “com o andar da carroça, as abóboras se ajeitam”. Henrique cresceu e seu sétimo aniversário foi comemorado com toda a pompa.

Dezembro. Emílio e Fátima precisariam viajar a São Paulo, desta vez, juntos. O Natal seria longe de casa pela primeira vez, e não poderiam levar o herdeiro.

— Deixem Henrique com a gente. Disseram os avós maternos sedentos da companhia do neto. Discurso engrossado pela tia Karina, irmã mais nova de Fátima.

— Ele também pode ficar lá em casa. Comentaram os avós paternos, igualmente desejosos de ficar com Henrique.

A solução salomônica veio da própria criança:

— Fico a metade do tempo com cada. Na noite de Natal, junta todo mundo.

Fátima e Emílio embarcaram, na bagagem sentimentos mistos. A sós depois de quase oito anos, quem sabe uma segunda lua de mel.

Seriam seis longos dias. Retorno ao lar previsto para 26 de dezembro, salvo algum imprevisto.

São Paulo não para. Nunca. O casal saía pela manhã e só se reencontrava à noite. Terminadas as muitas reuniões, precisavam encaminhar relatórios às respectivas

chefias. Por trás de seus notebooks, mal se encaravam até concluírem tudo.

Depois,

bem, depois a exaustão se apresentava. Nova lua de mel?

Desde o amanhecer da véspera natalina, compromissos demandaram a presença de Fátima e de Emílio. Reuniões em pontos distintos da grande metrópole. A cada

pequeno intervalo enviavam mensagem de texto pelo celular um ao outro e aos familiares. Atmosfera de ansiedade e saudade.

Às 17h50min. Emílio conseguira se desvencilhar dos compromissos. Às

18h45min., o mesmo com Fátima. Ambos se puseram a caminho do hotel.

Naquela noite especial, conforme sugestão de Henrique, as famílias estariam juntas. A ceia ocorreria na casa dos avós paternos.

Os pais de Emílio moravam em um condomínio cujo estacionamento não comportava a quantidade de veículos de tantos convidados dos moradores.

Karina

conseguiu estacionar a uma razoável distância da entrada do local.

Henrique estava eufórico. Queria logo retirar os presentes do porta-malas e entregá-los aos avós paternos.

Fátima sorriu ao ver Emílio na recepção do hotel. Ele a recebeu com um beijo.

Movimentada avenida separava os visitantes da porta do condomínio. Karina segurava o sobrinho pela mão, mas, o serelepe Henrique se soltou da tia e correu.

No elevador, do nada, Fátima se pôs a chorar.

— Calma, amor, em dois dias estaremos em casa. — Consolou Emílio.

Ouviram-se o cantar de pneus, colisões de vários carros e gritos. Pessoas se aglomeraram em torno. O motorista, trôpego, não fazia ideia do que ocorrera.

Sob o

veículo, o corpo de Henrique. Karina e seus pais, paralisados em estado de choque.

Enquanto Fátima se preparava para o banho, Emílio ligava para a cunhada, queria tanto falar com seu filho. Pela janela do hotel ele observava as luzes de Natal.

São Paulo não para. Nunca.

Crônica do dia: Charlotte, e o triângulo vermelho!!!
Ilusão do controle



**o seu olhar
merece
uma bela paz.**

“Em noites de tempestades!

E ventos álgidos...

Eu vagueio solitária... E
languidamente!

Pelo mítico vergel da solidão...

Choro e sofro!

Todas as dores do mundo!

Pelo amor que se foi,

Por tudo aquilo que não veio...

E por tudo aquilo que nunca virá. ”

Samuel da Costa

O badalar do sino já não irritava mais, o grupo de senhoras de idade avançada começaram a achar divertido o bar temático. As caveiras, mobiliários rústicos, as bandeiras Jolly Roger em toda a parte, assim como timões, antigas pistolas e mosquetões e as moças e rapazes vestidas a caráter. O casal de violonistas, postados na entrada do bar, tocava eternamente músicas de temática marinha, estavam caracterizados de piratas, estavam estáticos um em oposição ao outro. O cheiro de bebida barata e o vai e vem de uma massa de pessoas de idade avançada deixa o estranho e ao mesmo tempo aconchegante e quando um pianista caminhou rumo ao piano Blüthner. O homem negro, vestido como um músico de alguma tasca barata lusitana, o músico começou a tocar uma opereta a muito esquecida.

— Vocês não acham engraçado? — Perguntou Adelaide Schmidt em tom zombeteiro, ela que estava levemente embriagada depois uns goles de rum.

— O que é engraçado, minha querida? — Juliette Müller devolveu a pergunta, um tanto intrigada.

— Delinha está falando da escuna! — Genevieve Weber responde com sorriso nos lábios.

— Um tanto forçado minhas queridas! Margarida Correia e Margarida Cohen não são as mesmas coisas! — Disse Jeanne Schneider, querendo encerrar a conversa desagradável, que tirou um cigarro da bolsa, levar a boca acendê-lo com um isqueiro e dar uma baforada no ar.

— A grande Margarida Cohen, é mesmo um tema que devemos evitar amadas amigas! — Falou Marie Meyer de forma dramática.

— As Valquírias, Wagner! Toque uma boa música! — Gritou Elisabeth Muller, para o pianista se levantando e encarando o pianista.

O musicista, olhou para mesa onde as senhoras estavam, deu um sorriso e passou a tocar a Cavalgada das Valquírias de forma virtuosa e dramática.

— Outra ironia do destino amigas! — Preferiu Gertrudes Martin, depois deu uma gargalhada e as demais a seguiram. A explosão da gargalhada não passou despercebido dos demais frequentadores do bar.

— Maldita maquis! — Praguejou Katharina Dúbios e cuspiu no chão.

— Quando os nossos consortes voltam do passeio pirata? — Perguntou Charlotte Bernard Kerber.

Os maridos das senhoras à mesa tinham embarcado na escuna Margarida Correia, a um tempo atemporal, pois as esposas não tinham a mesma noção de tempo. Ao ocuparem mesas separadas depois de um longo dia cansativo de uma conferência anual do movimento do velho mundo, a qual estes pertenciam, que a cada ano era acrescido. Novos elementos, congêneres e aliados começaram a aparecer no evento outrora restrito. Neste ano, os elementos mais velhos foram agraciados com um passeio náutico em uma escuna pirata, uma encenação teatral, que está no bar Corsário Jean Lafitte, anexo ao ancorado na embocadura de um rio com o mar. A escuna aportou, os corsários desembarcaram percorreram o deck de madeira, contavam a música Wellerman, o coro das vozes masculinas e femininas chegaram aos ouvidos dos frequentadores do bar. Estes gritaram em coro: — Marujo! Uma garrafa de rum! — A trupe adentrou no Corsário Jean Lafitte, homens e mulheres devidamente caracterizados com as suas roupas de corsários do mediterrâneo. Se dirigiram até a mesa onde homens idosos bem vestidos de trajes de veraneio com as suas canecas de chopp.

Tempo o capitão a frente, desembainhou uma grande espada estilizada, saltava os olhos as gravuras na peça, eram gravuras que remetiam aos abismos do fundo mundo do mar, com peixes, cetáceos e crustáceos

desconhecidos. O brilho azul da espada hipnotizou a plateia, o homem alto, barbudo, uma barriga proeminente, cheiros de álcool barato, charuto ordinário,

tapa olho, contas de pérolas no pescoço, pistolas espanholas na cintura. O capitão pirata apontou a espada para o centro da mesa.

— Marujos! Bucaneiros! Ahoy! Carreguem estas peças de pilhagem para o navio! Levante a âncora e icle a mezena! Hasteiem a Jolly Roger! O andar na prancha, lhe esperam! — Bradou o capitão pirata de forma teatral. Os senhores sorriram, se levantaram, ergueram as mãos e a tripulação os acorrentou e por fim caminharam para a escuna Margarida Correia.

— Se bem me lembro, Margarida Cohen alvejou a bala, muitos dos nossos soldados nas Florestas do Vosges, Hardt e Haguenau — Disse Gertrudes Martin e prosseguiu — Eu mesma tratei dos feridos e preparei os corpos para o funeral.

— Eu servia no sistema de ferrovias nacionais, li os relatórios e vi os estragos que o grupo Margarida Cohen fez nas linhas férias! — Relatou Elisabeth Muller com a voz trêmula.

— Vocês tiveram sorte, eu conheci os dois majores, que Margarida Cohen seduziu em uma tasca, os levou para fora e os matou a golpes de adaga! — Disse Katharina Dúbios, com o pesar na voz.

— E a conheci pessoalmente, minha querida! — Disse Genevieve Weber, as outras olharam para ela! — Trabalhávamos no mesmo hospital, o pai e a mãe dela trabalharam no mesmo hospital até serem presos e concentrados no leste. Ela escapou!

— Eu estava lá quando a pegamos, a corte marcial a condenou à morte, mas o alto comando deu a ordem para a levarem para a capital do império! Dizem que a trocaram com os nossos que estavam no leste! — Falou Adelaide Schmidt

— Se bem me lembro! Havia neblinas, que ocorriam quando Margarida Cohen atacava! Névoa como ela era conhecida — Falou Charlotte Bernard Kerber.

A trupe teatral reapareceu para o segundo ato da peça, os atores contavam O Marinheiro Bêbado, The Drunken Sailor. As senhoras, foram informadas por um panfleto, que seriam levadas a uma praia privativa e de difícil acesso, seriam levadas a junto dos seus maridos. Os atores estavam com os olhos vidrados, os sorrisos revelavam os dentes decadentes, os figurinos estavam degradados e a cena se repetiu se, de quando os maridos

foram levados. Os respingos de sangue fresco, o cheiro de pólvora queimada e as senhoras se levantaram, Charlotte Bernard Kerber foi a única que ficou sentada. Ao ganharem a luz do dia, ao caminharem pelo deck de madeira, uma neblina espessa apareceu repentinamente, acorrentadas as senhoras embarcaram na escuna Margarida Correia. Atrás deles os piratas do Triângulo Vermelho deram vivas, embarcaram na escuna, foram todos tragados pela neblina e um sino tocou em algum lugar desconhecido.

Fragmento do livro: Do diário de uma louca, texto de Clarisse Cristal, poetisa, contista, romancista e bibliotecária em Balneário Camboriú, Santa Catarina.

Arte digital de Clarisse Costa, é designer gráfico, poetisa romancista, contista e cronista em Biguaçu, Santa Catarina.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Pensamento Livre

PRÓXIMA EDIÇÃO

#38



dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina